



**Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental: Importância do papel desempenhado pelo Tradutor e Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural**

**Júlia Adalzira de Oliveira Ramos**

**Dissertação de Mestrado**

**Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas**

**Porto – 2016**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



**Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental: Importância do papel desempenhado pelo Tradutor e Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural**

**Júlia Adalzira de Oliveira Ramos**

**Dissertação de Mestrado**

**apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação da Professora Doutora Clara Sarmento**

**Porto – 2016**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

## **Resumo:**

Esta tese, cujo tema é o multilinguismo e o multiculturalismo no processo de integração da África Ocidental, teve como objectivo principal descortinar que papéis desempenharam a língua e a cultura nesse processo de integração e que importância os negociadores desse processo vêm atribuindo a estes dois conceitos. Para tanto, foram delineados uma parte introdutória e três Capítulos que, fazendo recurso à metodologia baseada na bibliografia seleccionada, pesquisa documental e apoio humano através de entrevistas e questionários, conduziram a pesquisa. O Capítulo I tratou a “Contextualização da Comunidade Económica da África Ocidental”, que integrou uma análise histórica, económica e política, para além de uma breve caracterização dos países que constituem a CEDEAO, bem como a sua formação e evolução. O Capítulo II, já mais abrangente, tratou essencialmente o conceito de cultura e alguns conceitos relacionados, nomeadamente aculturação, desculturação, inculturação e transculturação. Ainda relacionado com o conceito de aculturação, foi tratada a figura de Léopold Sédar Senghor, considerado o pai da Negritude. Este Capítulo tratou ainda a relevância da escravatura em África, os grandes reinos Africanos, em especial o reino Mandinga pela importância que teve durante a sua vigência, as religiões africanas e seu sincretismo em terras brasileiras e cubanas, bem como o papel do “mapa-cor-de-rosa” após a conferência de Berlim. O Capítulo III tratou essencialmente o multilinguismo e o multiculturalismo num ambiente Multilingual e multicultural, aliado ao processo de integração da África Ocidental, bem como o papel que os tradutores e intérpretes vêm desempenhando na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e multicultural. A Conclusão, que é o último ponto deste trabalho, apresenta os resultados da pesquisa elaborada e faz um confronto com as várias opiniões recolhidas sobre a importância que foi atribuída à língua e à cultura no processo de integração da África Ocidental, ainda em curso. Foi atribuída uma ênfase especial ao Departamento de Línguas da CEDEAO que, em primeira instância, é o Departamento responsável pelo bom desempenho e pela contratação de todo o pessoal que apoia a facilitação da comunicação nesse ambiente Multilingual e multicultural. Ficou patente que a língua e a cultura são fundamentais para a concretização do objectivo primordial da CEDEAO que é passar da “CEDEAO DOS ESTADOS PARA A CEDEAO DOS POVOS” no Horizonte 2020. Ao nível linguístico e cultural, foi provada uma grande riqueza, de per

si muito complexa, o que impede a ignorância ou marginalização destes dois conceitos chave em qualquer processo de negociação. Ficou provado que os negociadores, consciente ou inconscientemente, levaram em consideração a importância do papel desempenhado pela língua e pela cultura em todos os processos negociais, por terem definido três línguas oficiais para o estabelecimento da comunicação entre os 15 países da CEDEAO e por manifestarem que a intervenção dos tradutores e dos intérpretes é fundamental para o estabelecimento da comunicação entre os Estados-Membros.

**Palavras chave:** África Ocidental. CEDEAO. Processo de Integração Regional.

Multilinguismo. Multiculturalismo.

## **Abstract:**

This thesis, whose theme is Multilingualism and Multiculturalism in the West Africa Integration Process had as main objective to detect which role language and culture played in the West Africa Integration Process and which importance the negotiators of this process have been assigning to these two concepts. For this purpose, an introduction and three Chapters were outlined, based on the selected bibliography and methodology, document search and human support, through interviews and questionnaires, which oriented the research. Chapter I dealt with the contextualization of West Africa Economic Community, which integrated a historical, economic and political analysis, apart from a brief characterization of the ECOWAS' countries, along with their establishment and development. Chapter II, the most comprehensive, dealt mainly with the concept of culture and some related concepts, namely acculturation, enculturation and transculturation. Related to the concept of Acculturation, we mentioned the life of Léopold Sédar Senghor, the father of Negritude. Besides, this Chapter treated the importance of slavery in Africa, the great African kingdoms, with special focus on the Mandingas' kingdom because of its importance, the African religions and their syncretism in Brazil and Cuba, as well as the role played by the "rose map", after the Conference of Berlin. Chapter III dealt mainly with the Multilingualism and Multiculturalism in a multilingual and multicultural environment, within the West Africa Integration Process, as well as the role Translators and Interpreters have been playing in the facilitation of communication in a multilingual and multicultural environment. The Conclusion, which is the last item of this thesis, provides the results of the research carried out and makes a comparison with several opinions provided on the importance given to language and culture in the West Africa Integration Process, which is ongoing. It was given a special emphasis to the ECOWAS Language Department, which is at first instance, the Department responsible for the good performance and the recruitment of specific staff that will support the communication facilitation in a multilingual and multicultural environment. It became evident that language and culture are relevant to achieve the ultimate objective of ECOWAS that is to move from "ECOWAS OF STATES TO ECOWAS OF PEOPLE" in the Horizon 2020. A great wealth at the linguistic and cultural levels is evident and per se very

complex, which emphasizes the relevance of these two key concepts in any negotiation process. It was demonstrated that negotiators, consciously or unconsciously, took into account the role played by language and culture in all negotiation procedures because they have established three official languages to establish communication amongst the 15 ECOWAS' countries. Besides that, they expressed that the work undergone by Translators and Interpreters is essential to the establishment of communication amongst member states.

**Key words:** West Africa. ECOWAS. Regional Integration Process. Multilingualism.

Multiculturalism.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho:

A Deus pela minha vida e pela família que me concedeu.

À memória dos meus pais Edmundo de Oliveira Ramos e Iva Castelo Branco que inculcaram em mim o valor do amor, o sentido da responsabilidade, da lealdade e o gosto pelo saber.

À minha filha Nádia Castelo Branco e meus netos Elia Persello e Zeno Castelo Branco Persello a quem privei nestes últimos dois anos de inúmeras horas de companhia e dedicação.

Aos meus irmãos por todo o apoio, carinho e incentivo dispensados.

A todos os Tradutores e Intérpretes que labutam neste ambiente Multilingual e multicultural.

## **Agradecimentos**

Um agradecimento muito especial

À Professora Doutora Clara Sarmiento, Professora do ISCAP e minha Orientadora, que me acompanhou e orientou com muita dedicação e ensinamentos durante a execução desta dissertação.

Aos meus Professores da Universidade Pedagógica de Moçambique

Aos meus Professores do ISCAP, Porto

Aos meus colegas Tradutores e Intérpretes que me emprestaram a sua experiência e conhecimentos no decurso desta dissertação.

Ao amigo Hélio Manjate, aluno do ISCAP, por todo o apoio concedido.

Ao Dr. Manuel Pereira Silva por ter partilhado comigo os seus conhecimentos sobre África e a colonização.

Ao Dr. Osvaldo Lopes da Silva por ter partilhado parte de sua rica experiência vivida na luta de Libertação de Cabo Verde.

À Dra. Maritza Rosabal pela partilha de sua experiência sobre os aspectos relacionados com as religiões e crenças religiosas de África, do Brasil e de Cuba.

Muito obrigado a todos.

## Lista de Siglas e Acrónimos

AOF	África Ocidental Francesa
BAD	Banco Africano para o Desenvolvimento
CEDEAO	Comunidade Económica do Estados da África Ocidental
CFA	Franco da Comunidade Africana
COMESA	Mercado Comum da África Oriental e Austral
ECA	Comissão Económica da ONU para a África
ECREEE	Centro Regional de Energias Renováveis e Eficiência Energética
EU	União Europeia
NEPAD	Nova Parceria para o Desenvolvimento de África
OMC	Organização Mundial do Comércio
OUA	Organização da Unidade Africana
SADC	Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
TEC	Tarifa Externa Comum
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UA	União Africana
UEMOA	Fundo de Garantia regional para a África Ocidental
WACIP	Política Industrial Comum da África Ocidental

## **Índice geral**

Introdução .....	2
1. Objectivos e fundamentação; enquadramento temático, geográfico e cronológico	3-4
2. Metodologia .....	5
2.1. Recursos Humanos e Entrevistas .....	6
2.2. Entrevistas .....	6
2.2.1. Excertos de entrevistas a Funcionários Superiores .....	6-10
2.2.2. Entrevista a um Tradutor .....	10-11
2.2.3. Entrevista a uma Intérprete .....	11
2.2.4. Questionários anónimos a Tradutores e Intérpretes .....	12
<b>Capítulo I – CEDEAO – Comunidade Económica da África Ocidental .....</b>	<b>13</b>
1.1. Contextualização – análise histórica, económica e política .....	14-18
1.2. Países que constituem a CEDEAO .....	18
1.3. Formação e evolução dos países da CEDEAO .....	19-30
<b>Capítulo II – Cultura e os Processos Transformatórios Surgidos ao Longo dos</b>	
<b>Tempos .....</b>	<b>31</b>
2.1. Cultura: Aculturação, Desculturação, Inculturação e Transculturação	32-36
2.2. A Figura de Léopold Sédar Senghor, Pai da Negritude .....	37-40
2.3. Relevância da Escravatura na África Ocidental .....	41-46
2.4. Os Grandes Reinos Africanos .....	47-51

2.5. Práticas religiosas africanas, brasileiras e cubanas .....	52-56
2.6. Actuação do Mapa Cor-de-Rosa na Francofonia em Solo Africano .....	57-61
<b>Capítulo III – Multilinguismo e Multiculturalismo na África Ocidental .....</b>	<b>62</b>
3.1. Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração .....	63-69
3.2. Papel do Tradutor e do Intérprete na CEDEAO .....	69-70
<b>Capítulo IV – Conclusão .....</b>	<b>71-75</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>76</b>
<i>Websites Consultados</i> .....	77
<b>Anexos .....</b>	<b>1-48</b>

## **Lista de Fotografias**

Fotografia 1 – Tecnologia de Informação em Cabo Verde – Anexo XIII, página 41 dos Anexos

Fotografia 2 – Escola destruída em Serra Leoa, Anexo XV, página 43 dos Anexos

Fotografia 3 - Léopold Sédar Senghor a mostrar o troféu quando foi eleito membro da Academia Francesa em 1983 – Anexo XIX, página 47 dos Anexos

## **Índice de Mapas**

Mapa 1. Mapa ilustrativo do Continente Africano – Anexo I, página 2 dos Anexos

Mapa 2. Mapa Político da África Ocidental – Anexo XI, página 39 dos Anexos

Mapa 3, Mapa Cor-de-Rosa – Anexo XX, página 48 dos Anexos

## **Lista de Quadros e de gráfico**

Quadro N. 1 - Países que constituem a CEDEAO, respectivas bandeiras, capitais, língua, moeda e população existente em 2009<sup>1</sup> (em milhões de habitantes) – Anexo XII, página 40

Gráfico N.1 Cabo Verde e a Sociedade de Informação – Anexo XIV, página 42

---

<sup>1</sup>Tabela de Indicadores de países da África Ocidental. Fonte: Revista *Conjuntura Austral* | ISSN: 2178-8839 | Vol. 2, nº. 8 | Out.Nov 2011. Lito Nunes Fernandes, Jean Christian Boukounga e José Fernandes Júnior. Consultado em Maio de 2016.

## **Introdução**

1.Objectivos e fundamentação; enquadramento temático, geográfico e cronológico.

O Multilinguismo e o Multiculturalismo constituem uma realidade no Processo de Integração da África Ocidental pois a língua e a cultura, como conceitos básicos do multilinguismo e do multiculturalismo, enriquecem e beneficiam o processo de integração de uma forma actuante, embora apenas as vertentes económicas e políticas tenham estado na origem desse processo. Este trabalho pretendeu explorar alguns dos aspectos que são fundamentais sobre a língua e a cultura, que irão propiciar uma compreensão mais abrangente da importância do Multilinguismo e do Multiculturalismo neste processo de integração, bem como o papel desempenhado pelo Tradutor e pelo Intérprete na facilitação da comunicação. O objecto de estudo centrou-se no período em que é estabelecida a livre circulação de pessoas nos países da região da África Ocidental, embora com algum recurso ao passado. Referente à cultura, pretendeu-se abordar o fenómeno da aculturação<sup>2</sup> e de fazer um confronto com assimilação, enculturação<sup>3</sup> inculturação<sup>4</sup> e transculturação e saber que peso teria sido atribuído à língua e à cultura nesse processo de integração. Por isso, partiu-se do pressuposto de que a procura de informações permitiria chegar a uma conclusão com base em dados sustentáveis. Assim, foram definidos os objectivos e as actividades que sustentam o programa proposto. No tocante ao enquadramento temático, geográfico, cronológico e político, este tema enquadrou-se na África Ocidental, mais precisamente na CEDEAO - Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, e pretendeu comprovar se a língua e a cultura desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental e preponderante no processo de integração da África Ocidental, ainda em curso. A África Ocidental fica localizada na parte Ocidental do Continente Africano, de acordo com o mapa em anexo<sup>5</sup> e com outras informações fornecidas no Capítulo I deste trabalho. A CEDEAO manteve sempre a intenção de apoiar e de promover o avanço e o desenvolvimento da região e dos seus povos. Por isso, os Chefes de Estado e de Governo têm procurado promover de forma harmoniosa o desenvolvimento económico

---

2 A aculturação é o nome dado ao processo de troca entre culturas diferentes a partir de sua convivência, de forma que a cultura de um sofre ou exerce influência sobre a construção cultural do outro.

3 Enculturação que significa a introdução de alguém à sua própria cultura, a maior parte das vezes por uma natural assimilação ou aculturação (processo de transformações provocado pelo choque de várias culturas em presença.

<sup>4</sup> Inculturação oficialmente é definida pelo enraizamento do Evangelho nas culturas humanas.

<sup>5</sup> Mapa do Continente Africano, Anexo I, página 2 dos Anexos.

dos Estados, através da cooperação económica e da integração efectiva, na sua maior parte, através de uma política de auto-suficiência determinada e concertada. A integração económica e política tem feito alguma referência à língua e à cultura no processo de negociação e de estabelecimento de acordos, por exemplo, nos aspectos comerciais, no estabelecimento de uma União Económica e União Monetária da CEDEAO, e têm sido adoptadas políticas comuns nos sectores económicos, sociais, culturais e financeiros.

Tendo em conta a simbologia e a abrangência que engloba o tema Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental, o objecto deste estudo foi limitado a uma época sem se alargar para além do seu âmbito, pois não tratou os aspectos económicos e políticos do Processo de Integração da África Ocidental. O objecto primário e único deste trabalho foi identificar a importância ou não importância que terá sido atribuída à língua e à cultura pelos negociadores no processo de Integração da África Ocidental. Toda a pesquisa e todo o recurso ao passado são traduzidos nas informações que serão propiciadas ao longo deste trabalho e que terão como objectivo único a procura de pistas que possam conduzir à elucidação do objecto desta dissertação.

## **2. Metodologia**

A metodologia utilizada foi de encontro aos objectivos traçados, que tinham por finalidade identificar material de suporte para a concretização da meta principal, que foi a realização de um trabalho de pesquisa que correspondesse a esses mesmos objectivos. Assim, foi utilizado a conjugação de alguns métodos na medida em que se pretendia ampliar as possibilidades de análise e de obtenção de respostas adequadas. Por essa razão, a bibliografia seleccionada, bem como a consulta de documentos em papel e online foram complementados com entrevistas e questionários realizados a técnicos e funcionários superiores que têm algum relacionamento com a CEDEAO. Esse recurso ao apoio humano constituiria uma prova viva dos resultados a obter, o que permitiria ter uma visão fundamentada dos questionamentos sobre o objecto fulcral do tema **Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental**. Através dos autores seleccionados foi possível obter informações muito importantes sobre a escravatura, a cultura e a integração que permitiram dar corpo ao trabalho e forneceram ao mesmo tempo uma visão mais ampla sobre a matéria em questão. Quer nas entrevistas quer nos questionários todas as perguntas foram abertas dando aos entrevistados e inquiridos a possibilidade de explorar mais amplamente e de forma mais livre as questões colocadas. Um outro recurso utilizado foi a minha experiência pessoal de trabalho prestado à Comissão e ao Parlamento da CEDEAO, como Tradutora e Intérprete freelancer, desde o ano de 2010, que me possibilitou ter um conhecimento relativo do papel desempenhado pelo Tradutor e Intérprete nessa Organização, bem com a ligação com as línguas e culturas implicadas. É nossa opinião que a metodologia utilizada foi de encontro às expectativas e permitiu, através do confronto de várias opiniões, complementar o projecto do trabalho já esboçado. As entrevistas e os questionários, embora morosos na sua realização, por constrangimentos vários, foram importantes porque através de ideias, pensamentos e sentimentos evidenciados foi possível chegar-se a uma conclusão sobre as questões colocadas e que apontaram para os resultados retratados na conclusão desta dissertação sobre a importância da língua e da cultura no Processo de Integração da CEDEAO.

## 2.1. Recursos Humanos e Entrevistas

O tema principal desta Tese está muito relacionado com a intervenção directa e abrangente dos Recursos Humanos, razão pela qual teve cabimento neste espaço a introdução de entrevistas e inquéritos a funcionários que, de uma forma ou de outra, têm estado em contacto com a CEDEAO. Nessa óptica, os Recursos Humanos são fundamentais em todas as organizações e chegam mesmo a ser considerados embaixadores dessas organizações junto dos respectivos públicos-alvo. Assim, a utilização da informação é um dos pontos fulcrais que faz parte da intervenção dos Recursos Humanos, traduzida neste espaço pela realização de entrevistas e inquéritos.

## 2.2 Entrevistas

Para as entrevistas, foi indicado o tema desta Tese e alguns entrevistados tiveram a oportunidade de, uma forma muito livre, abordar aspectos que consideraram ser pertinentes, tendo em conta as preocupações apresentadas. Em alguns casos foram feitas perguntas directas.

Todas as entrevistas, inseridas em anexo, foram transcritas textualmente de acordo com os originais, tendo nós procedido a um mínimo de alterações possíveis.

### 2.2.1. Excertos de entrevistas a Funcionários Superiores

a). Técnico Superior Anglófono:

**Mahama Mumuni Kappiah** é Director Executivo de ECREEE<sup>6</sup> na Praia, Cabo Verde. Sobre a adopção de uma língua nativa pela CEDEAO para facilitar a comunicação afirmou: *“Have one native language? But if Nigeria adopts one native language it would be a problem. The people would never agree. It would be very difficult to decide which language to use. Come to Ghana, which is even smaller, if they wish to adopt one language it’s going to be Hel. They would never agree and these are issues that have been discussed in Ghana about having a national language. Or do we have one language that dominates and the other population that could constitute at least 50% of the population, still would not agree. Coming to ECOWAS level, it is going to be a big*

---

6 ECREEE – Centro Regional de Energias Renováveis e Eficiência Energética.

*challenge and which language would we use? And now the language that is spoken in Nigeria is not spoken in the other countries. If you take Hausa, why do I take Hausa? Hausa is a language that is spoken inside Nigeria and outside Nigeria. In Niger almost half of the population also speaks Hausa. In Nigeria about a third of the population speaks Hausa. In Togo, Benin and Ghana there are lots of people for whom Hausa is a minority language. People speak it as a language. But if you tell Ghanaians to adopt the Hausa language, which is a foreign language that is spoken by some Ghanaians, then you will have a problem, because in Ghana anyone who speaks Hausa also speaks his native language. Hausa is not a native language of anybody and also it is not for Ghana; it is just a language that some people speak. In Nigeria, the Hausa people who speak Hausa, they speak only Hausa but we have some other portion very close to the Hausa people who speak Hausa, but they also have their own language. So it is very difficult, even in their countries, to have one language, not to talk of other regions. If you go further beyond Nigeria you don't find people who speak Hausa. The other language that is spoken in Nigeria is Yoruba that doesn't go that far. It is only spoken in Nigeria and Benin. Ybu for example is only spoken in Nigeria. If someone tells us to choose Yoruba and Ybu, for example, it will be very difficult to choose a language, which language? At least these languages, unfortunately they are all foreign. If not, we could adopt one, but as they are all foreign which one should we adopt over the other? So it is very difficult”.*

**b) Técnico Superior Francófono:**

**Amet Kébé**, senegalês, PhD e Professor de Português no Departamento de Românicas, Universidade Cheik Anta Diop, de Dacar, Senegal. Ao ser questionado se as várias línguas e culturas utilizadas na CEDEAO podem criar constrangimentos ao processo de integração, afirmou que *“as várias línguas e culturas numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador da comunicação e representam um elemento enriquecedor e de integração cultural e linguística desta comunidade, na qual cada zona linguística, seja ela francófona, anglófona ou lusófona, toma consciência da importância da língua oficial que pratica e usa no dia a dia e que tem a mesma dignidade do que as outras com as quais coabitam no mesmo espaço económico e linguístico, sobretudo para o português, que durante muito tempo não assumiu este papel. Além disso, as novas tecnologias da informação e comunicação, aliadas às*

*novas tecnologias da interpretação, em termos de equipamentos e sistema de relais duma língua para outra, vêm facilitar a comunicação entre todos os participantes”.*

**c). Técnico Superior Lusófono:**

**Manuel Pereira Silva** é Sociólogo e Consultor.

Referindo-se à língua, afirmou: “do ponto de vista linguístico, falar da importância da língua não se trata apenas de uma questão de oralidade, mas da espiritualidade, de valores, de tradição, de modos de produção, de organização social, de organização do trabalho.” Sobre a colonização afirmou: “o escravo era ensinado a manusear muito bem os instrumentos de trabalho europeu, a cristianização foi um aspecto importante pois a intenção era tornar o indivíduo cristão, torná-lo obediente. O padre era um recurso, uma referência e a Igreja teve muita influência na organização territorial, na organização do espaço. As primeiras unidades administrativas em Cabo Verde foram criadas pelas igrejas. As freguesias eram o conjunto dos fregueses. Eram divisões muito bem feitas, não existiam apenas em função do tamanho do território, mas da continuidade e contiguidade, da distribuição espacial das pessoas, da organização do trabalho, bem como da produção”.

**d). Técnico Superior Lusófono:**

**Oswaldo Lopes da Silva**, ex-Ministro da Economia do primeiro governo de Cabo Verde, 1975, afirmou: “as línguas dos colonizadores criaram realidades políticas porque atrás de cada língua do colonizador havia toda uma realidade política, económica e social e hoje pode-se falar em várias Áfricas, conforme o colonizador. Essa realidade manter-se-á ainda durante muitos séculos, por exemplo temos o caso das diferenças entre a África anglófona, a África francófona e a África lusófona”. Referindo-se à CEDEAO, afirmou:

“o quadro jurídico da CEDEAO é interessante e a CEDEAO, por exemplo, por mais esforços que faça não tem conseguido uma integração desse espaço, espaço económico porque quem é anglófono tem as suas relações que foram definidas pela história, bem como as conivências, as solidariedades. Da mesma maneira que nós tivemos a Casa dos

Estudantes do Império em Lisboa, os de expressão francesa tiveram também os seus espaços de solidariedade, houve o Liceu William Ponti que representou para os francófonos aquilo que a Casa dos Estudantes do Império representou para o lusófono. Com o passar do tempo, isso vai-se diluindo. As amizades e as conivências que se estabeleceram no âmbito da Casa dos Estudantes do Império tiveram a sua época e acabarão por desaparecer. De igual forma William Ponti era o colégio de grande nível que a França tinha criado para formar as suas elites africanas, mas os franceses não foram tão longe como os portugueses na separação. Uma das frustrações de Sekou Touré é não ter sido admitido como aluno do Colégio William Ponti porque não tinha nível para frequentar esse colégio. Por um lado, tinha de ter qualificação académica e ter boas notas e por outro lado tinha de ter alguma ligação com os chefes tradicionais, tendo em conta que a França estava a criar uma elite. E Sekou Touré não era ligado a nenhuma tribo, a nenhuma cheferie. Todos esses dirigentes da primeira geração frequentaram William Ponti. De contrário, ou seja, se não tivessem frequentado William Ponti, não teriam tido essa qualificação, essa capacidade para ser dirigentes,”.

#### **e) Técnica Superior cubana e cabo-verdiana**

**Maritza Rosabal** é formada em História e é Consultora. Sobre o processo de Integração questionou a sua existência e afirmou: “estou a pensar apenas em Cabo Verde, não ao nível do continente. Estou a pensar na parte insular. Sobre a África Ocidental apenas conheço o Senegal e a Guiné-Bissau. Penso que foi mais um processo político, foi mais uma aproximação política. Por exemplo, a língua francesa, é a língua mais utilizada na África Ocidental. Acho que do ponto de vista relativo a questões culturais que engloba tudo, desde a forma de estar até à culinária, sentimos aqui em Cabo Verde muito mais a presença da África Ocidental. É uma forma de irmos aceitando essa cultura e de interagirmos com ela, embora não tenha certezas. Isso sim, a priori. São dois temas muito centrais. Existe também a religião. Existe actualmente em Cabo Verde uma população muçulmana muito maior do que antes, sobretudo relativamente a estas questões que me parecem ser mais centrais. Os escravos não frequentavam a igreja. Não tinham acesso. Eram mundos diferentes. Aconteceu o mesmo nos Estados Unidos. É por isso que surgem as pastorais. Os escravos eram afastados de todos os ritos da população branca. Há também muita semelhança tanto no Brasil como em Cuba em vários aspectos. Vejamos o caso do batuque e da dança africana. Verifica-se a existência de um sincretismo religioso, mas com a predominância dos ritos e da imagética africana, que

predominam por exemplo na religião Geruba. No Brasil há o pai de santo, o candomblé. Tanto em cuba como no Brasil a língua predominante é a do colono. Esta separação provoca diferenças em termos culturais e desenvolveram todo o sincretismo. Aqui em Cabo Verde não se impõe a língua; será por ter sido o primeiro território a ser descoberto? Em cuba começa mais tarde. Ao nível cultural Cuba é muito interessante porque Santiago, zona do oriente, é uma zona que está muito ligada à religião afro-cubana, onde há uma predominância das figuras, há um sincretismo entre as figuras do santoral europeu e as figuras africanas. Era como se os negros os adoptassem, mas com toda a carga africana, os milagres, os feitiços, tudo isso é transposto para Cuba, para essas zonas do oriente. A Santeria, igual ao que aconteceu no Brasil. Em Santiago, por exemplo, há uma grande Santeria por excelência. Temos uma virgem mestiça que é comemorada a 8 de Setembro. Trata-se da Santeria (Santeiros) que é a chamada religião afro-cubana. Há diferentes tipos de Santeiros, uns para o bem, para a protecção das pessoas e outros para o mal, para prejudicar as pessoas. Também existem muitos pais de santo em Havana porque há uma ligação interna. Os Santeiros eram da região do Oriente. Toda essa magia negra está muito presente nessa zona com influência do Haiti. Enquanto os brancos frequentavam a Igreja católica, os negros frequentavam os centros espíritas, à semelhança do Brasil. Praticavam o candomblé. Este sincretismo está presente em São Lázaro onde se canta o Xangô, o Oxum, há muitas coisas interessantes, e é muito interessante ver como essa religião tem um carácter autoritário, como essa população acredita, tem medo, é supersticiosa. Essas práticas eram interessantes”.

### 2.2.2 Entrevista a um Tradutor

**João Gomes Mendonça**, Linguista e Economista Social. Sobre a adopção de uma língua nativa pela CEDEAO como forma de facilitar a comunicação, afirmou: *“adoptar outras línguas nativas nos trabalhos da CEDEAO seria um problema cuja solução não existiria. Senão vejamos, que língua adoptar entre milhares de línguas nativas que existem em cada país membro da CEDEAO? As três línguas oficiais retidas naturalmente facilitam o processo de compreensão dos conteúdos das actividades. São línguas da época colonial, mas fica um mal necessário, direi mesmo um corta-mato”*. *“Falar, escrever, compreender ou assimilar e dominar a língua de um país constituem*

*elementos fundamentais para a integração de qualquer indivíduo naquele país. Aliás, muitos países europeus exigem agora o conhecimento da sua língua oficial aos potenciais migrantes, o que faz também parte da imigração inteligente. No contexto da CEDEAO, este exercício faz muito sentido, na medida em que as três comunidades falando, escrevendo e compreendendo as diferentes línguas seriam mais do que uma mais-valia para uma integração nos aspectos económicos e políticos e porque não sociais e culturais?”.*

### **2.2.3 Entrevista a uma Intérprete**

a) **Obdúlia Figueiredo** é licenciada em Estudos Ingleses e Intérprete freelancer. Sobre as três línguas oficiais da CEDEAO afirmou: *“a escolha das três línguas não foi feita por acaso porque a CEDEAO é constituída por quinze países, sendo a grande maioria francófonos, alguns anglófonos e dois lusófonos. É por esta razão que foram escolhidas estas três línguas oficiais. É um facto que nestas três línguas oficiais o português é o parente pobre, nós sabemos disso, porquê? Porque quando participamos nas reuniões constatamos que em mais de 50% das vezes não existem documentos em português. Os participantes não têm documentos em português. Às vezes os documentos em português estão extremamente mal traduzidos porque a organização não os dá aos lusófonos para traduzir. Às vezes são documentos traduzidos por francófonos, às vezes até por nigerianos e, sem dúvida, que a língua portuguesa é uma das línguas oficiais da CEDEAO, tinha que ser, mas não está em pé de igualdade com as outras línguas e eu diria até que existe uma preponderância do francês, porque os países francófonos impõem-se, apesar de a CEDEAO ter a sua Sede na Nigéria, que é um país anglófono. Eu já estive em reuniões que foram interrompidas porque não havia documentos em francês. Mas voltando à sua pergunta, a CEDEAO não tinha outra alternativa. São quinze países francófonos, anglófonos e lusófonos e tinham de escolher estas línguas como línguas oficiais por um lado e, por outro lado, também porque nos próprios países anglófonos e nos próprios países francófonos as respectivas línguas é que são um elemento unificador, ou seja a Nigéria que é um grande país com vários estados, o que faz com que as etnias se entendam é o Inglês, é a língua que os une porque muitas vezes não compreendem os dialectos uns dos outros. Eu fiz essa afirmação sobre a Nigéria, mas podia fazer a mesma afirmação sobre o Burquina Faso. Acho que a escolha das três línguas oficiais tem uma certa lógica”.*

#### **2.2.4. Inquéritos anónimos a Tradutores e Intérpretes**

Os inquéritos anónimos realizados a tradutores e intérpretes fazem parte do Anexo IX e constam nas páginas 30 a 36 dos Anexos.

O tratamento das informações recolhidas através dos inquéritos anónimos realizados a tradutores e intérpretes fazem parte do Anexo X e constam nas páginas 37 e 38 dos Anexos.

## **Capitulo I – CEDEAO – Comunidade Económica da África Ocidental**

## 1.1. Contextualização – análise histórica, económica e política:

A África Ocidental faz parte do continente Africano. O continente Africano, dividido em vários países pelos colonizadores no Século XIX mais precisamente depois da Conferência de Berlim (1884-1885), tem uma grande variedade linguística e cultural e tem sido tema de vários estudos e trabalhos sobre diversos assuntos ao longo dos séculos. A África também tem sido cantada por vários músicos a nível mundial. Como exemplo, apresenta-se um pequeno excerto da canção do cantor brasileiro Chico César<sup>7</sup>, que canta África fazendo um paralelismo entre a generosidade da mulher africana no seu trabalho por conta de outrem e nas suas lides domésticas com a generosidade materna da “mamã África” para com os vários povos que a ocuparam e a dominaram: “Mamã África, a Minha Mãe é Mãe Solteira, E tem que Fazer mamadeira Todo dia, Além de trabalhar Como empacotadeira Nas Casas Bahia.....”<sup>8</sup>. Segundo uma pesquisa realizada em 2011<sup>9</sup>, “África é Mãe de 1,033 bilhões de pessoas, é Solteira, melhor Separada, separada em vários países, 54 países, divididos territorialmente...” E dessa divisão de África surge a África Ocidental, onde a CEDEAO está inserida. Embora não seja objecto do estudo específico deste trabalho, em todas as suas valências, é pertinente fazer-se uma contextualização ao processo de integração<sup>10</sup> da CEDEAO. Partindo do princípio de que esse processo de integração fez recurso à língua e à cultura, e estando já identificadas as três línguas oficiais, a língua francesa, a língua inglesa e a língua portuguesa, estabelecidas pela CEDEAO que apoiam esse processo de integração, apresenta-se aqui a tradução do Acrónimo CEDEAO nas três línguas oficiais que serão utilizadas para o estabelecimento da comunicação nesses 15 países: em francês <sup>11</sup>- *Communauté Économique des États de l'Afrique de l'Ouest, CEDEAO*; em inglês -

*Economic Community of West African States, ECOWAS* e em português - *Comunidade Económica da África Ocidental, CEDEAO*. A CEDEAO é uma organização internacional de integração regional, criada em 1975 por quinze países da África

---

7 Nascido a 26 de Janeiro de 1964 no município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, Brasil, formou-se em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Mudou-se para São Paulo aos 21 anos de idade onde trabalhou como jornalista e revisor de textos. É em São Paulo que intensifica a sua carreira artística que tem repercussão internacional. As suas canções são poesias de alto poder de encanto linguístico. Fonte: <http://chicocesar.com.br/index.php/bio/>; consultado em Maio de 2016.

8 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SY5BYjSc-w>. Consultado em Maio de 2016.

9 Fonte: <http://www.kiaunoticias.com/internacional/africa-continente>. Consultado em Maio de 2016.

10 Integração económica: O termo integração económica, que adquiriu maior precisão depois de 1950, significa um processo voluntário de crescente interdependência de economias separadas no sentido de pressupor medidas que conduzem à supressão de algumas formas de dominação (BELASSA, 1961).

11 Objecto do Ponto N. 1.1 deste Capítulo I.

Ocidental, embora a adesão de todos esses países não tenha sido feita em simultâneo<sup>12</sup>. A integração económica, que foi um dos primeiros objectivos desse processo, segundo Manuel Ennes Ferreira<sup>13</sup>, consiste na união de um número de economias nacionais numa região económica mais vasta, que ultrapassa as fronteiras nacionais. Este processo, ainda em curso, procura eliminar barreiras quanto à livre circulação de produtos, serviços, capitais e pessoas. De acordo com a página oficial da CEDEAO<sup>14</sup>, a África Ocidental era constituída por estados que tinham vivido várias experiências coloniais e administrativas e que constituíram e definiram as fronteiras dos 15 países da África Ocidental. Lê-se ainda nessa página que nesses 15 países existem mais de mil línguas locais e nativas transfronteiriças, entre elas o Ewe, Fulfulde, Ga, Hausa, Ibo, Mandingo, Wolof, Yoruba e outras que são faladas por mais de 300 milhões de habitantes, numa área de cerca de 5.1 milhões de quilómetros quadrados. Na mesma perspectiva, essa página informa ainda que antes do aparecimento do colonialismo<sup>15</sup>, a África Ocidental tinha muitos impérios e reinos importantes, entre os quais o do Ghana (Século V ao Século XI), Mali (Século XIII ao Século XV), Songhai (Século XV ao Século XVI), Wolof (século XIV), Oyo (Século XV), Benim (século XVII) e Kanem Bornu (Século IX ao século XIX), que existiram durante muitos séculos. Há também uma referência à existência de uma grande diversidade cultural, linguística e ecológica<sup>16</sup> que criam oportunidades e desafios para o já referido processo de Integração. Segundo Manuel Ennes Ferreira, também há uma referência à união de forças desses estados no nível político e no nível económico para desenvolverem a região, o que foi concretizado em 1945, altura em que os Estados Francófonos criaram o franco CFA, formando assim uma União Monetária única. Ainda de acordo com a página da CEDEAO, no seguimento de uma proposta apresentada em 1964 pelo Presidente da Libéria, William Tubman, foi celebrado em 1965 um Acordo de União Económica da África Ocidental entre Côte d'Ivoire, Guiné, Libéria e Serra Leoa, que deu origem ao Tratado UEMOA e

---

12 Cabo Verde, país lusófono, aderiu à CEDEAO em 1976. A Mauritânia, país integrante, saiu da CEDEAO em Dezembro de 2002.

13 Manuel Ennes Ferreira, *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, Coimbra Editora, 2005 – Introdução, Página 1.

14 <http://ecoslate.github.io/sobre-cedeao/historia/-lang=pt-pt.htm>. Consultado em Outubro de 2015.

15 O processo de ocupação territorial, exploração económica e domínio político do continente africano por potências europeias teve início no século XV e estendeu-se até metade do século XX. Fonte: <http://daniellesouzaistoria.blogspot.pt/p/colonizacao-europeia-da-africa.html>. Consultado em Abril de 2015.

16 Manuel Enes Ferreira afirma que esses Estados-Membros evocaram, fazendo recurso ao passado, uma identidade assente numa unidade ou homogeneidade cultural, linguística e histórica ou étnica. Manuel Ennes Ferreira. *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, Coimbra Editora, 2005 – Introdução, Página N.1.

que criou o franco CFA<sup>17</sup>. A página da CEDEAO diz ainda que foi em 1972 que os Chefes de Estado da Nigéria e do Togo, respectivamente, Yakubo Gown e Gnassingbe Eyadema, difundiram a ideia da integração através de uma digressão que fizeram aos países da África Ocidental. O Tratado de Lagos, que instituiu a CEDEAO e cujos objectivos eram direccionados apenas para as políticas económicas, foi criado em 1975. Com o propósito de resolver problemas políticos que surgiram nessa época, o Tratado de Lagos foi revisto em 1993, tendo havido um alargamento do âmbito de intervenção desse Tratado. Fica evidenciado a partir da revisão feita ao Tratado de Lagos que a CEDEAO tinha por objectivos promover a integração económica e política entre os seus estados. O Tratado de Lagos criou um Parlamento Oeste Africano, um Conselho Económico e Social e um Tribunal para assegurar a execução das decisões da Comunidade, bem como evitar e resolver conflitos na região. Um dos propósitos desta integração foi a criação de uma União Económica e Monetária com a previsão da criação de uma União Aduaneira para favorecer a eliminação das barreiras alfandegárias, o que propiciaria a livre circulação de produtos, serviços, capitais e pessoas entre os países da região. Segundo Manuel Enes Ferreira, foi por essa via que os Estados-Membros tomaram consciência das necessidades fundamentais para encorajar, promover e acelerar o desenvolvimento económico e social, cuja finalidade era e continua a ser melhorar o padrão de vida das populações. Os Chefes de Estado e de Governo tinham a convicção de que a promoção harmoniosa do desenvolvimento económico dos Estados apelaria à cooperação económica e integração efectiva, através de uma política de auto-suficiência determinada e acordada por todos os países. Ainda de acordo com Manuel Enes Ferreira<sup>18</sup>, a CEDEAO estava em sintonia com a história pois que os cidadãos da África Ocidental viajavam muito, sobretudo na região. Relativamente aos cerca de 7,5 milhões da população da África Ocidental que migram dentro da região, 3% dessa população regional vive nos países da CEDEAO. Segundo a página de CEDEAO, em referência, em 2013 dos 149 milhões de migrantes, 50% eram mulheres. Ao nível da migração transfronteiriça, as mulheres comerciantes e

---

17Moeda comum da maioria dos países que constituem a CEDEAO foi criada pelo Tratado UEMOA (União Económica e Monetária do Oeste Africano), assinado pelos Chefes de Estados e de Governo do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Mali, Níger, Senegal e Togo no dia 10 de Janeiro de 1994, em Dakar. O Tratado UEMOA entrou em vigor no dia 1 de Agosto de 1994 após ter sido ratificado pelos Estados-Membros. A Guiné-Bissau foi o oitavo Estado-Membro e aderiu ao Tratado no dia 2 de Maio de 1997. Consultado em Outubro de 2015.

18Manuel Enes Ferreira. *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, Coimbra Editora, 2005. Introdução, Página N.1.

empresárias ocupam um lugar de destaque na promoção da integração. Essa afirmação precisa ser comprovada na medida em que esses dados ainda estão por explorar, segundo a página da CEDEAO. Tanto em Cabo Verde como nos outros países da CEDEAO há um aspecto importante e que é muito frequente e peculiar em África que é a envolvimento da mulher africana em actividades comerciais, o que as leva a viajar para fora dos seus países à procura de novos produtos ou de mercados competitivos para venderem os seus produtos. Manuel Enes Ferreira focou essa realidade das viagens da mulher africana para fora das suas fronteiras. De acordo com a CEDEAO, a população da África Ocidental teve um excelente crescimento, pois de 70 milhões de habitantes passou para 300 milhões no período que decorreu de 1950 a 2010. De acordo com as projecções das Nações Unidas<sup>19</sup>, a população da África Ocidental em 2050 poderá atingir 550 ou 600 milhões de habitantes. Essas projecções indicam ainda que a África Ocidental é a região mais jovem do mundo, com cerca de 5% da população mundial, uma área superior a 40 % da África Subsariana e é a região com a maior densidade populacional. Assim, a dimensão sociocultural diversificada do desenvolvimento é muito importante para o estabelecimento da paz e da segurança na região. Os líderes da comunidade, segundo a página da CEDEAO, esforçaram-se para manter a estrutura política da região. De acordo com Manuel Enes Ferreira<sup>20</sup>, a criação de uma organização regional, que visa a integração económica dos respectivos mercados nacionais, está baseada na adesão voluntária dos seus membros. Manuel Enes Ferreira afirma que essas estruturas económicas e políticas podem ter estádios de desenvolvimento diferentes, já que cada Estado-Membro tem o seu próprio poder económico, político, militar, um estatuto regional e um estatuto internacional diferente. Na opinião de Manuel Enes Ferreira (2005), esses Estados-Membros fizeram recurso ao passado e evocaram uma identidade baseada numa unidade ou homogeneidade cultural, linguística e histórica ou étnica. Para finalizar este ponto, importa dizer ainda que o Processo de Integração da CEDEAO continua em curso e que esforços estão sendo envidados pelos líderes dos países integrantes para que os objectivos traçados sejam cumpridos no Horizonte 2014-2020, altura em que se pensa concretizar a ambição da CEDEAO em transformar a CEDEAO dos Estados numa CEDEAO dos Povos.

---

19 Fonte: Centro de Notícias da ONU, Relatório publicado a 30 de Julho de 2015. Consultado em Outubro de 2015.

20 Manuel Enes Ferreira. *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, Coimbra Editora, 2005. Introdução, Página N.1.

## 1.2. Países que constituem a CEDEAO<sup>21</sup>

Actualmente a CEDEAO é constituída por quinze países Africanos da mesma região, ou seja, Benim, Burquina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo<sup>22</sup>. Estes países pretendem apoiar-se mutuamente e contribuir em conjunto para o avanço e o desenvolvimento da África Ocidental. Todos esses quinze países<sup>23</sup> estiveram sob o jugo do colonialismo e de ditaduras de alguns países europeus, nomeadamente da Bélgica, dos Estados Unidos, da França, de Portugal, do Reino Unido e de outros, durante muitas centenas de anos. Os países colonizadores da África Ocidental, ligados à expansão marítima europeia, tinham como principal objectivo encontrar rotas alternativas para o Oriente e novos mercados produtores e consumidores dos seus produtos. Desses países os que tiveram maior expressão foram: a França, que colonizou sete países da África

Ocidental, nomeadamente o Burquina Faso, a Côte d'Ivoire, a Gâmbia, o Gana, o Mali, a Mauritânia e o Níger, sendo esses países francófonos; a Inglaterra, que colonizou a Gâmbia, o Gana, a Nigéria e a Serra Leoa, sendo esses quatro países anglófonos; e Portugal, que colonizou Cabo Verde e a Guiné-Bissau, sendo esses dois países lusófonos. Como resultado dessa colonização, explica-se o estabelecimento das três línguas oficiais pela CEDEAO, ou seja a língua francesa, a língua inglesa e a língua portuguesa, utilizadas para a comunicação em situações oficiais.

---

<sup>21</sup>Ver o Mapa Político da África Ocidental, Anexo XI e inserida na página n. 39 dos Anexos.

<sup>22</sup> O Chade, o Gabão, a República do Congo, os Camarões, a República do Saara Ocidental, a Guiné-Equatorial e São Tomé e Príncipe também foram indicados no passado como sendo países integrantes da África Ocidental. Fonte: Revista *Conjuntura Austral* | ISSN: 2178-8839 | Vol. 2, nº. 8 | Out.Nov 2011. Consultado em Maio de 2016.

<sup>23</sup> Ver Quadro N. 1 , Anexo XII, inserido na página n. 40 dos Anexos onde estão indicados os países, as bandeiras, as capitais, a língua, a moeda e a população.

### **1.3. Formação e evolução dos países da CEDEAO**

Os quinze países que constituem a CEDEAO têm a sua origem ligada a processos de escravatura, que remontam aos inícios das colonizações feitas por europeus no século XV, situação a que esses países estiveram sujeitos, ainda enquanto reinos africanos, na maioria dos casos. Para se falar da formação e evolução dos países da CEDEAO é importante lembrar a sua localização, a formação, os reinos existentes antes da colonização, a colonização, a independência, as línguas oficiais, as línguas nativas e a religião. Relativamente à religião, todos esses países professavam mais ou menos as mesmas religiões e as mesmas doutrinas e crenças, embora existam casos de religiões diferentes que serão indicados na descrição dos respectivos países e que acabaram por provocar algum sincretismo religioso. Esse sincretismo religioso ocorreu de forma muito natural e foram evidentes as influências benéficas ocorridas entre as crenças e as religiões tradicionais.

De acordo com o Mapa político da CEDEAO, Anexo XI, inserido na página n. 38, todos estes países estão situados na África Ocidental e estão ladeados uns pelos outros, coabitando todos com as fronteiras que as delimitam. Cabo Verde, arquipélago constituído por dez Ilhas vulcânicas, tem uma situação geográfica privilegiada por estar localizado no Oceano Atlântico, o que faz com que a sua situação geográfica seja cobiçada. O Mali também tem uma localização especial, que a desfavorece, por se tratar de um país encravado<sup>24</sup>, com todas as dificuldades que essa situação pode provocar.

Todos estes quinze países são hoje Repúblicas independentes que conseguiram as suas independências no seguimento de lutas de libertação, travadas com os colonizadores. A maior parte desses países era habitado por povos nativos que viviam sob o domínio de imperadores e de reis africanos medievais. Actualmente todos esses países são Repúblicas independentes, têm um Presidente eleito democraticamente em eleições livres e seguidas por observadores internacionais, para além dos observadores que são nomeados pela CEDEAO para seguirem o processo eleitoral nesses países. Importa ainda dizer que todos esses países são membros de Organizações internacionais

---

24 O Mali é um país encravado, um país do interior que está isolado do mar ou seja um país que não tem saídas para o mar. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mali>. Consultado em Abril de 2016.

importantes, nomeadamente a União Africana (UA), a Comunidade dos Estados Saheló-sahariens (CES), Organização Internacional da Francofonia, Banco Africano de Desenvolvimento, Organização Mundial do Comércio e outras.

Começando pelo Benim, a partir do século XVII até ao século XIX, foi governado pelo Reino de Daomé<sup>25</sup>. Esse reino era conhecido como a Costa dos Escravos no século XVII porque muitos escravos eram embarcados a partir dessa região para o Novo Mundo<sup>26</sup>, durante o tráfico negreiro transatlântico<sup>27</sup>. Depois da abolição da escravatura, a França assenhoreou-se do país e rebaptizou-o com o nome Daomé francês. Esta antiga colónia francesa obteve a independência no dia 1 de Agosto de 1960 e foi denominado República de Daomé. Em 1975 o país adoptou o nome de Benim e no ano de 1991 assumiu a democracia. A língua nativa é o Wolof, a língua oficial é o francês. Segundo o Censo realizado em 2002, 27,1% da população do Benim é católica romana, 24,4% é muçulmana, 7.3% pratica vodun, 5% é celestial cristã, 3,2% metodista, 7,5% tem outras denominações cristãs, 6% outros grupos religiosos tradicionais locais, 1,9% outros grupos religiosos, e 6,5% reivindicam não ter filiação religiosa<sup>34</sup>.

Burquina Faso foi povoado entre 1400 e 5000 a.C. pelos caçadores a noroeste do país e é formado principalmente pelos Reinos Mossi<sup>28</sup> que foram transformados num protectorado francês em 1896. No final do século XIX, o Burquina Faso foi ocupado e anexado pela França até 1960, altura em que recuperou a independência. Era a antiga República do Alto Volta<sup>29</sup>. A designação “Burquina Faso”, nome que significa "terra

---

25 Daomé era um reino da África, que foi fundado no século XVII (c.1600) tendo sido derrubado no ano de 1904, quando foi conquistado pela França e incorporado à África Ocidental Francesa. Em 1985, os Palácios Reais de Abomei e a capital daquele reino foram considerados Património Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Benim está situado onde fora o reino de Daomé. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino\\_do\\_Daom%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_do_Daom%C3%A9). Consultado em Abril de 2016.

26 Continente americano descoberto no século XV quando Cristóvão Colombo descobriu a América. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo\\_Mundo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo). Consultado em Abril de 2016.

27 Comércio de escravos no Atlântico ou comércio transatlântico de escravos, também chamado de tráfico negreiro, ocorreu em todo o Oceano Atlântico entre os séculos XVI e XIX. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9rcio\\_atl%C3%A2ntico\\_de\\_escravo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9rcio_atl%C3%A2ntico_de_escravo). Consultado em Abril de 2016.

28 Há cerca de 900 anos os cavaleiros do Dagomba do sul estabeleceram-se na região da nascente do Rio Volta. Até o início do século XX os Mossi governaram as regiões do Norte, central e leste do Burkina Faso. Desenvolveram-se no século XVI e organizaram-se em estados e reinos a partir do reino Gambada, capital do povo Dagomba. Formaram os reinos de Ouagadougou, Yatenga, Mamprussi e Gurma. Os Moro Naba eram autoridades políticas e espirituais e eram respeitados por todos os habitantes. Fonte: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.pt/2010/04/os-mossi.html>. Consultado em Abril de 2016.

29 República de Alto Volta era um país sem litoral, situado no oeste Africano, estabelecido em 11 de Dezembro de 1958 como uma colónia autogovernada dentro da Comunidade Francesa. Antes de atingir a autonomia, era chamado Alto Volta francês e fazia parte da União Francesa. Em 5 de Agosto de 1960 tornou-se independente da França.

das pessoas íntegras", foi atribuída pelo Presidente Thomas Sankara em 1984. A língua nativa é o Dioula e a língua oficial é a francesa. De acordo com o recenseamento realizado em 1996 pelo Governo, cerca de 60 % da população pratica o Islão, pertencendo a maioria ao ramo sunita e uma pequena parte ao reino Shi'a, Tijaniyah, ou Salafi/Wahhabi, 24 % da população praticam crenças tradicionais indígenas, 17 % professam o catolicismo romano, e 3 % são membros de várias denominações protestantes.

Cabo Verde, oficialmente República de Cabo Verde, é um país insular localizado num arquipélago formado por dez Ilhas vulcânicas<sup>30</sup> na região central do Oceano Atlântico. Segundo a história conhecida, Cabo Verde foi descoberto e colonizado pelos portugueses no século XV, mais precisamente em 1460. Foi utilizado como entreposto do comércio de escravos no Atlântico. As primeiras ilhas que foram povoadas são Santiago e Fogo. A cidade de Ribeira Grande, situada na ilha de Santiago, era utilizada como escala para o tráfego de comércio de escravos. Após a abolição da escravatura, o país foi praticamente abandonado e entrou em decadência. Tinha uma economia pobre e de subsistência e ficou à mercê de assaltos e actos de pirataria. De salientar o nome de Sir Francis Drake, que pirateou Cabo Verde na década de 1580 e Charles Darwin, inglês, cientista e naturalista que viveu no século XIX e visitou Cabo Verde em 1832 e em 1836,. Contrastando-se com Francis Drake, a sua visita teve contornos bem diferentes, evidenciados na sua obra *Origem das Espécies*, na qual incluiu espécies de aves, peixes, insectos e outros descobertos em Cabo Verde. Cabo Verde é Independente desde 1975. Amílcar Cabral foi o pai da nacionalidade cabo-verdiana e deixou como legado vários pensamentos muito importantes e muito actuais e que se refletem na cabo-verdianidade por ele defendida. Não foi por acaso que Amílcar Cabral retratou no seu pensamento sobre a Resistência Cultural a importância da integração do povo na realidade do seu país. Numa tese apresentada em Syracuse, Estados Unidos da América, e cujo título é: "Libertação Nacional e Cultura"<sup>31</sup> em homenagem a Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral proferiu a seguinte frase e na qual estão inscritas parte das suas convicções políticas: " *A História ensina-nos que em*

---

30 Ilhas do Sal, Boa Vista, São Vicente, Santo Antão, São Nicolau e Santa Luzia, Ilhas situadas ao norte do Arquipélago e que estão incluídas no grupo Barlavento e as Ilhas Brava, Fogo, Maio e Santiago, situadas ao sul do Arquipélago e que estão incluídas no grupo Sotavento. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo\\_Verde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde). Consultado em Abril de 2016.

<sup>31</sup> Cabral, Amílcar. *Libertação Nacional e Cultura*. Universidade de Syracuse -20 Fevereiro 1970. Texto escrito em homenagem a Eduardo Mondlane.

*determinadas circunstâncias é fácil ao estrangeiro impôr o seu domínio a um povo. Mas ensina-nos igualmente que, sejam quais forem os aspectos materiais desse domínio, ele só se pode manter com uma repressão permanente e organizada da vida cultural desse mesmo povo, não podendo garantir definitivamente a sua implantação a não ser pela liquidação física de parte significativa da população dominada".* O primeiro Presidente da República foi Aristides Maria Pereira. O país regista uma grande emigração de cabo-verdianos para todo o mundo. Cabo Verde é essencialmente agrícola, está a mercê de escassas chuvas e tem um bom desenvolvimento na área do Turismo. Ao nível das Tecnologias de Informação e Comunicação<sup>32</sup>, Cabo Verde é o país da África Ocidental que regista o maior e melhor desenvolvimento. Os principais objectivos das TICs são os seguintes: ultrapassar a média nacional, manter-se entre os líderes africanos e aproximar-se da Europa. Cabo Verde integrou a CEDEAO em 1976. A língua nativa é o crioulo cabo-verdiano, a língua oficial é a portuguesa. As religiões existentes são a cristã católica que é professada por 90 % da população. Os restantes 10% estão divididos entre a religião Protestante e a religião professada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A religião muçulmana foi introduzida pelos cidadãos oriundos da África francófona e anglófona. Um número reduzido de cabo-verdianos professa a religião muçulmana.

A Costa do Marfim, oficialmente República de Côte d'Ivoire<sup>33</sup>, era uma área isolada e desabitada. Sabe-se que a primeira população instalou-se nessa área entre os Séculos XVIII e XIX, período que coincide com a colonização pela França que se estendeu até o ano de 1914<sup>34</sup>. Entretanto, o comércio de escravos e de marfim foi iniciado no Século XV. Vários estados negros foram criados no século XVII, tendo-se destacado o estado dos Baules pelas suas actividades artísticas. África foi dividida em territórios por alguns países europeus, o que contribuiu para a Partilha de África. No final do Século XVII os franceses fundaram os entrepostos de Assini e Grand-Bassamuma, colónia que integrou a Federação da África Ocidental Francesa em 1899. Em 1958 foi proclamada a República da Costa do Marfim e em 1960 o país alcançou a independência. Félix Houphouët-Boigny foi o primeiro Presidente eleito. A Costa do Marfim é um país

---

32 Ver Fotografia e Gráfico 1 sobre a posição de Cabo Verde na Sociedade da Informação, que são os Anexos XIII e XIV inseridos nas páginas 41 e 42. Fonte: [HTTP://www.leadership-agenda.com/index.php/tec/178-cabo-verde-exemplo-mundial-na-sociedade-da-informacao](http://www.leadership-agenda.com/index.php/tec/178-cabo-verde-exemplo-mundial-na-sociedade-da-informacao).

33 Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa\\_do\\_Marfim](https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_do_Marfim). Consultado em Abril de 2016.

34 Período em que o Imperialismo procurava novos mercados na Ásia, na África e na América Latina. Fonte: <http://historiacsd.blogspot.pt/2012/08/imperialismo-partilha-da-africa-e-da.html>. Consultado em 24 de Junho de 2016.

democrático. As línguas nativas mais utilizadas são o Mandinga e o More<sup>35</sup>, e a língua oficial é o Francês. As religiões professadas são a Islâmica que é praticada por 38,6% da população, a católica professada por 32,8% da população cristã e outras crenças seguidas pela restante população<sup>36</sup>.

A Gâmbia, oficialmente República da Gâmbia<sup>37</sup>, foi uma região utilizada para o comércio de escravos. Nos séculos IX e X os árabes dedicaram-se ao comércio de escravos, ouro e marfim e no século XV os portugueses também se dedicaram ao comércio de escravos e criaram uma rota de comércio do Império Mali. Em 1588, António Prior do Crato<sup>38</sup> vende aos ingleses os direitos de exclusividade de comércio na região do rio Gâmbia. No final do século XVII e durante todo o século XVIII, os ingleses e os franceses também se dedicaram ao comércio de escravos na região. Em 1765, a Gâmbia passa a ser uma colónia britânica. Mais de 3 milhões de escravos foram enviados da Gâmbia para as colónias na América. Em 1887, o Império Britânico aboliu a escravatura e acabou com o comércio de escravos na Gâmbia. Em 1965, a Gâmbia tornou-se independente. Dawda Jawara foi o primeiro Presidente do novo estado, eleito em 1970, tendo-se mantido no poder até 1977. Em 1982 a Gâmbia e o Senegal formaram a Confederação de Senegâmbia. País essencialmente agrícola, a Gâmbia dedica-se à pecuária, à pesca e ao turismo. A língua oficial é o Inglês e as línguas nativas são o Mandingo, o Fulani e o Wolof. A religião professada é essencialmente a Islâmica que é seguida por cerca de 95% da população<sup>39</sup>. Cerca de 4% da população professa a religião Católica. As religiões e crenças tradicionais são praticadas por 1% da população.

O Gana<sup>40</sup> foi habitado no período pré-colonial por antigos reinos Akan, incluindo os povos do reino anterior. Segundo dados arqueológicos<sup>41</sup>, há evidência de ter havido vida humana no Gana desde a Idade do Bronze, tendo em conta que foram encontradas antigas ruínas de estruturas de pedra, restos de vasos de barro e outros utensílios. Os principais grupos étnicos actualmente existentes no Gana datam do século XV. Antes da

---

35 Fonte: <http://www.state.gov/r/pa/ei/> e consultado em Abril de 2016.

36 Fonte: <http://www.infoescola.com/africa/costa-do-marfim/>; consultado em Abril de 2016.

37 Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gâmbia>. Consultado em Abril de 2016.

38 D. António Prior do Crato, português, participou nas expedições em África. Foi aclamado defensor de Portugal.

39 Fonte: <http://www.suapesquisa.com/paises/gambia>; consultado em Abril de 2016.

40 Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gan.a>. Consultado em Abril de 2016.

41 Fonte: <HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Gana>; Fonte: <http://www.ghanamuseums.org/archaeo-sites-others.php>. Consultado em Abril de 2016.

invasão dos europeus, o comércio era praticado entre os Akan e vários estados africanos devido à riqueza do ouro Akan. O comércio desenvolveu-se nos séculos XV e XVII, altura em que os portugueses entraram em contacto com outros povos europeus no Gana. Durante os três séculos seguintes, os europeus controlaram a Costa do Ouro. O Gana conquistou a independência em 1957. O primeiro Presidente do Gana foi Kwame Nkrumah. Os principais produtos do Gana são o cacau, os minerais e a madeira. O Gana é um dos maiores produtores de cacau do mundo. As línguas nativas são em número de 13 mas as mais praticadas são o Apron, a Adele, o Akan e o Anyin. No Gana as crenças tradicionais ocupam um lugar cimeiro, sendo praticadas por 38% da população. A religião Islâmica é praticada por 30% da população, o cristianismo é praticado por 24% da população, sendo 12,1% católicos, 4,9% cristãos africanos, 4,9% protestantes, 2,1% anglicanos e 8% da população pratica outras religiões<sup>42</sup>. Também existem os Bahá'i, os budistas, os hindus, a religião judaica e outras pequenas comunidades de fé<sup>43</sup>.

A Guiné-Bissau<sup>44</sup> é um dos únicos países da África Ocidental cuja história de sua origem é desconhecida por não haver dados arqueológicos disponíveis. Os primeiros habitantes da região foram os Felupes ou Diolas, os Manjacos, os Mancanhas, os Balantas, os Papéis e os Nalu. O Império do Mali, fundado no século XIII, exerceu grande influência sobre a criação da Guiné. O reino Gabu<sup>45</sup> desenvolveu-se e, no século XVI, obteve o estatuto de império, influenciando politicamente as regiões que faziam fronteira com o Senegal, a Gâmbia e a Guiné-Conakry. A Guiné-Bissau adquiriu a independência a 24 de Setembro 1973. Luís Cabral foi o primeiro Presidente num regime de partido único, liderado pelo Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde. A Guiné-Bissau tem enfrentado vários problemas, nomeadamente golpes de estado sucessivos, que têm dificultado o seu desenvolvimento harmonioso. Devido à sua situação geográfica costeira, importante para o tráfico de escravos, a Guiné-Bissau esteve em contacto com Cabo Verde no século XV. A língua oficial é o Português. A língua nativa falada pela maioria da população é o Crioulo, que derivou do Português. Outras línguas nativas são Ediamat, Kasanga, Kobianka e Mandinka<sup>46</sup>. A

---

42 Fonte: [http://www.portalbrasil.net/africa\\_gana.htm](http://www.portalbrasil.net/africa_gana.htm). Consultado em Maio de 2016.

43 Fonte: <http://ais.org.br/RelatorioLiberdadeReligiosa/pdf/Gana.pdf>. Consultado em Maio de 2016.

44 Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Guin%C3%A9-Bissau](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Guin%C3%A9-Bissau). Consultado em Maio de 2016.

45 O reino de Gabu ou reino *Kaabu* é um reino *mandinga* situado na região da Senegâmbia, a nordeste da Guiné-Bissau (1537 e 1867). Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino\\_de\\_Gabu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_Gabu). Consultado em Maio de 2016.

46 Fonte: [http://www.guine-bissau.fi/arte\\_cultura/3.html](http://www.guine-bissau.fi/arte_cultura/3.html). Línguas Nativas da Guiné-Bissau. Consultado em Maio de 2016.

religião Islâmica é praticada por 50% da população, 47 a 50% da população professam as religiões tradicionais. Cerca de 8% da população professam a religião cristã. Nota-se na Guiné-Bissau a existência de algum sincretismo religioso, tendo em conta a combinação de práticas das religiões islâmica e cristã que combinam as práticas com as crenças tradicionais africanas.

A Guiné, oficialmente República de Guiné ou Guiné-Conakry<sup>47</sup>, era território de vários povos africanos, nomeadamente o Império Songai, nos séculos X e XV. A Guiné foi descoberta pelos portugueses Pedro de Sintra e Alvise Cadamosto em 1460. As tropas francesas invadiram a Guiné no século XIX<sup>48</sup>, altura em que começa o período colonial na Guiné. A independência da Guiné foi conquistada em 1958 e Sékou Touré foi o primeiro Presidente. A Guiné Conacri possui uma grande quantidade de minerais, nomeadamente ferro, diamante, ouro, bauxite e urânio. A população, para além da mineração, dedica-se à agricultura e à pesca. Das religiões<sup>49</sup> existentes no país salientam-se a religião Católica que é professada por 7,5%; a religião Protestante professada por 3,4%; a religião Muçulmana professada por 84, 4% e religiões tradicionais professadas por 2,7% e 1,8% da população. A Língua oficial é o Francês. O Inglês é falado nas fronteiras com a Libéria e a Serra Leoa. As línguas de origem africana são as seguintes: o Pular, falado por cerca de 40 % da população guineense; o Malinké, falado na zona alta da Guiné; o Kpelle falado na zona das florestas; a língua dominante Soussou que é falada na parte baixa da Guiné. Existem ainda outras línguas nativas que são o Bassari; o Diakhankée o Jalonké.

A história da Libéria<sup>50</sup> tem o seu início nos princípios do Século XIX. Os Estados Unidos da América, durante o mandato do Presidente James Monroe<sup>51</sup>, fundaram uma colónia em África e em 1816 criaram a Sociedade Americana de Colonização, cujo principal objectivo era angariar verbas para sustentar o envio de negros para a nova colónia. O envio de negros foi iniciado em 1820 numa missão que não foi bem-sucedida porque todo o grupo morreu infectado com o vírus da Febre-amarela. No ano de 1821, novos emigrantes foram enviados para a Libéria e em 1822, foi fundada a capital

---

47 Fonte: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Guinée>. Consultado em Maio de 2016.

48 Fonte: <http://culturaseducarte.blogspot.pt/2008/04/guin-conacri.html>. Consultado em Maio de 2016.

49 Fonte: <http://www.globalreligiousfutures.org/countries/guinea>. Consultado em Maio de 2016.

50 Fonte: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Histoire\\_du\\_Libéria](https://fr.wikipedia.org/wiki/Histoire_du_Libéria). Consultado em Maio de 2016.

51 James Monroe (1758-1831) foi o quinto Presidente dos Estados Unidos da América. Foi eleito em dois mandatos consecutivos decorridos no período de 1817 à 1825. Teve muita influência na abolição da escravatura. Fonte:

[https://fr.wikipedia.org/wiki/James\\_Monroe](https://fr.wikipedia.org/wiki/James_Monroe). Consultado em Maio de 2016.

Monróvia, em homenagem a James Monroe. Em 1847, Joseph Robert, governador da colónia, proclamou a independência. A Libéria foi a primeira colónia independente de África. Joseph Jenkins Robert foi o primeiro Presidente do país e desempenhou essa função no período de 1847 a 1856. As eleições de 1951 trouxeram algo novo porque permitiram pela primeira vez que a mulher e a população indígena tivessem direito ao voto. As religiões professadas na Libéria, de acordo com o Censo de 2008, realizado pela CIA World Factbook<sup>52</sup>, são: 85,6 % da população é cristã, 12,2% é muçulmana, 0,6% da população segue religiões tradicionais, 0,2% da população pratica outras religiões e 1,4% da população não pratica qualquer religião. A língua oficial é o Inglês. A Libéria tem 16 línguas nativas e as mais faladas são a língua Dan, que tem cerca de 200 mil falantes; a língua Kpelle, ensinada nas escolas; a língua Maninkas, também falada em outros países da África Ocidental<sup>53</sup>.

O território do Mali, conhecido oficialmente por República do Mali<sup>54</sup>, pertencia ao Império Gana e era habitada pelos mandingas. O Império do Mali<sup>55</sup> foi governado pelo rei Sundiata Keita<sup>56</sup> no século XIII. Por causa de guerras internas políticas e invasões perpetradas pelos tuaregues, o Império do Mali enfrentou um período muito difícil no fim do século XIV. O comércio do ouro, do sal e de outros produtos decaiu e o Império enfraqueceu, tendo ficado reduzido ao alto Níger no século XV<sup>57</sup>. Os portugueses chegaram ao Mali no século XV durante a expansão marítima. O Mali adquiriu a independência a 22 de Setembro de 1960. A população do Mali é formada por várias etnias, das quais se salientam os Bambaras, os Bobos, os Bozos, os Dogons entre outros. A religião é o Islamismo. A língua oficial é o francês. A maioria da população fala as línguas nacionais. O Mali é um dos países encravados da África Ocidental, ou seja, é um país do interior que não tem saída para o mar e é um dos países menos avançados.

---

52 Fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>. Consultado em Maio de 2016.

53 Guiné, Mali, Senegal, Serra Leoa. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adnguas\\_maninkas](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%Adnguas_maninkas). Consultado em Maio de 2016.

54 Fonte: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Mali>. Consultado em Maio de 2016.

55 O Império Mali dominou a região nos Séculos XIII e XIV. Em comparação com os Impérios de Songhai e do Gana foi o Império que tinha uma maior extensão territorial. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mali>. Consultado em Maio de 2016.

56 O Rei Sundiata Keita era nativo da tribo Mandinga. De nome próprio Sogolon Diata Keita era mais conhecido por Soundiata Keita. Nasceu no século XIII em Niani na região de Siguiri e morreu no ano de 1255. Foi o fundador do Império do Mali. Fonte: [www.infoescola.com/afrika/imperio-mali/](http://www.infoescola.com/afrika/imperio-mali/). Consultado em Maio de 2016.

57 O Império Mali foi destruído durante o assalto feito pelas tribos Tuaregues do Norte e dos Mossinos do sul nos anos de 1400. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mali>. Consultado em Maio de 2016.

Tem uma economia essencialmente rural. A pimenta era o principal produto de interesse comercial da região no século XIV.

O Níger, oficialmente República do Níger, foi uma antiga colônia francesa, que se tornou independente em 1960 e o Presidente eleito foi Hamani Diori. Em 1991 foi formado um governo de transição e em 1999 Mahamane Ousmane foi eleito Presidente em eleições democráticas. Embora o Níger tenha vários recursos naturais<sup>58</sup>, é um dos países menos desenvolvido no mundo. Tem um índice de desenvolvimento humano de apenas 0,304, de acordo com o relatório anual realizado em 2012 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O Níger possui a mais importante mina de urânio de toda a África e ocupa a segunda posição no mundo, a seguir ao Canadá. Tem algumas reservas de petróleo. A língua oficial do Níger é o Francês. Existem também cerca de dez línguas nativas e as mais faladas são o Hausa, o Zarma e o Tamajeq. As religiões professadas no Níger são a Muçulmana, que é praticada por 98% da população, a religião Católica e a religião Bahá'í<sup>59</sup>, que são praticadas por um pequeno número de habitantes.

A República Federal da Nigéria<sup>60</sup> é o país mais populoso da África Ocidental e a primeira potência económica de África. Tem uma produção de petróleo importante mas o país é relativamente pobre devido à forte corrupção, segundo a página em referência. A civilização Nok dominou durante os Séculos III a VI e ocupou as regiões do Ife e do Benim. Do século VII ao século XI, as civilizações Haoussa instalaram-se no norte do país e Yoruba no sudoeste. O Império do Kanem desenvolveu-se muito no Século XVI e dominou o norte da Nigéria durante mais de 600 anos. A Nigéria também foi palco de comércio de escravos e os Ingleses dedicaram-se a esse comércio nos séculos XVI a XIX, tendo-o substituído pelo comércio de matérias-primas no século XIX. A Nigéria tornou-se um protectorado britânico em 1901 e foi transformada numa colônia em 1914. Em 1966 o país sofreu dois golpes militares e ficou sob o jugo de uma ditadura militar. A Nigéria conquistou a independência a 12 de Janeiro de 1970. As primeiras eleições democráticas foram realizadas em 1999 e Olusegun Obasanjo foi eleito Presidente e reeleito em 2003. A língua oficial é o Inglês.

---

<sup>58</sup> Os mais importantes são o ouro, o ferro, o carvão, o urânio e o petróleo.

<sup>59</sup> Fonte: [www.globalreligiousfutures.org/countries/Niger](http://www.globalreligiousfutures.org/countries/Niger). Consultado em Maio de 2016.

<sup>60</sup> Fonte: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Nigeria>. Consultado em Maio de 2016.

Há 523 línguas nativas e as mais faladas são o Hausa, o Igbo, Yoruba, Edo, Efik, Ibibio e Annang. Existem várias religiões na Nigéria que contribuem para acentuar as diferenças regionais e étnicas. A religião Islâmica é praticada por 51.2% da população, a religião Cristã é praticada por 40.5% da população e outras religiões são praticadas por 2.4% da população.

O Senegal, oficialmente “República do Senegal”, era constituída por vários reinos antes da colonização, sendo Djolof<sup>61</sup> um desses reinos. Contrariamente às outras antigas colônias AOF, a população do Senegal é constituída por antigos cidadãos franceses e por comunidades indígenas. O Senegal obteve a independência em 1960 e Leopold Sedar Senghor foi o primeiro Presidente. Existem muitas línguas nativas e a mais falada é o Wolof. A língua oficial é o Francês. Em Ziguinchor, capital de Casamança, fala-se o crioulo, semelhante ao crioulo cabo-verdiano. O crioulo também é falado pelos emigrantes cabo-verdianos e guineenses que vivem no Senegal. A religião é essencialmente muçulmana, é praticada por cerca de 96,4% da população. A religião Cristã e as religiões africanas tradicionais são praticadas por uma pequena percentagem da população.

Serra Leoa, oficialmente República da Serra Leoa<sup>62</sup>, era considerado um ponto estratégico para o comércio de escravos e, em 1495, foi construído um forte que funcionou como um entreposto comercial de escravos. Em 1562, a Inglaterra dedicou-se ao comércio de escravos e foi então que Sir John Hawkins<sup>63</sup> enviou escravos para as novas colônias na América. A 11 de Março de 1792, Freetown foi fundada pela Companhia de Serra Leoa para alojar os ex-escravos do Império Britânico. Após a Conferência de Berlim<sup>64</sup>, o reino Unido fundou o Protectorado da Serra Leoa em 1896, recrutou cidadãos britânicos que ocuparam postos administrativos e expulsaram os Krios<sup>65</sup>. A Serra Leoa obteve a independência em 1961 e o Presidente Ahmed Tejan

---

61 O Império Wolof, Djolof em francês foi um estado africano localizado na África Ocidental. Esse Império Wolof governou determinadas áreas do Senegal e da Gâmbia no período de 1360 a 1890.

62 Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_Leoa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Leoa). Consultado em Abril de 2016.

63 John Hawkins, Inglês, construtor de navios, navegador e comerciante de escravos. Fonte: [http://www.encyclopedia.com/topic/Sir\\_John\\_Hawkins.aspx](http://www.encyclopedia.com/topic/Sir_John_Hawkins.aspx). Consultado em Abril de 2016.

64 Conferência de Berlim no período de 1884-1885. Divisão da África pelos seguintes países: Inglaterra, França, Portugal, Itália, Alemanha, Espanha e Bélgica. Fonte: <http://www.infoescola.com/historia/partilha-da-africa>. Consultado em Abril de 2016.

65 Cidadãos descendentes de escravos libertos que se estabeleceram em Freetown no Século XIX. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_Leoa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Leoa). Consultado em 15 de Abril de 2016.

Kabbah enfrentou várias guerras e assaltos ao poder. Durante a Guerra Civil de Serra Leoa, ocorrida nos anos 1991 e 2002, houve cerca de 50.000 mortes. Uma grande parte do país foi destruída<sup>66</sup> e mais de dois milhões de pessoas foram deslocadas para países vizinhos como refugiados. A religião Islâmica é a predominante no país e é praticada por 60% da população. As religiões locais são praticadas por 30% da população e a religião Cristã é praticada por 10% dos habitantes. Existem 16 grupos étnicos na Serra Leoa e cada grupo tem a sua própria língua e dialectos. Os Temnes e os Mendes são os mais influentes. A língua oficial é o Inglês. O Krios é a língua franca derivada dos grupos étnicos de Serra Leoa<sup>67</sup>.

O Togo, oficialmente República Togolesa<sup>68</sup>, foi habitado por povos de várias origens. Nos séculos XIV e XVI o grupo étnico euê, oriundo da Nigéria, colonizou o Togo e instalou-se no sul, perto do litoral. Outras tribos de língua ane (ou mina) também emigraram para o Togo depois do século XVII. O século XVIII foi um século penoso para o Togo porque os dinamarqueses iniciaram a prática do comércio de lixo na costa de Togo, contribuindo para a poluição ambiental. Em 1884 vários chefes da região costeira colocaram-se sob a protecção de missionários alemães para se defenderem de ataques de algumas tribos que se instalaram no país. Essa protecção prolongou-se até à Primeira Guerra Mundial. Em 1922 a Liga das Nações dividiu o Togo entre o Reino Unido e a França e, em 1946, esses dois países colocaram os seus territórios sob a custódia das Nações Unidas<sup>69</sup>. Em 1960 a parte britânica juntou-se ao Gana e os territórios franceses formaram a República Autónoma do Togo, em 1956. O Togo conquistou a independência em 1960, mas foi alvo de golpes de estado e de várias lutas. O general Étienne Gnassingbe Eyadema foi nomeado Presidente em 1967 e em 1979 proclamou a terceira República Togolesa. Em 2006 foi formado um governo de transição. O Togo é o 107º país mais populoso do mundo. Em 1992 o Togo assumiu o multipartidarismo. País essencialmente agrícola, os cidadãos também se dedicam à pecuária e à pesca. Os principais produtos são o algodão e a cana-de-açúcar. As crenças

---

66 Ver Fotografia de uma Escola Primária destruída e onde crianças aproveitam para brincar. Anexo XV, inserida na página n. 43. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_Leoa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Leoa). Consultado em Abril de 2016.

67A língua Krios é falada por cerca de 90% dos habitantes do país. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_Leoa.016\\_23](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Leoa.016_23).

68 Fonte: [www.letogolais.com/](http://www.letogolais.com/); <https://pt.wikipedia.org/wiki/Togo>. Consultado em Abril de 2016.

69 Organização das Nações Unidas. Resoluções do Conselho de Segurança da ONU. S/RES 1851 (2008). Fonte: [http://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/RES/1851\(2008\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1851(2008)). Consultado em Abril de 2016.

indígenas são praticadas por 50% da população; a religião Católica é praticada por 40% da população; a religião Muçulmana é praticada por 10% da população. A língua oficial e nacional é o Francês. Existem no Togo muitas línguas regionais e as principais são o Ewe, a Mina e o Kaby.

## **Capítulo II – Cultura e os Processos Transformatórios Surgidos ao Longo dos Tempos**

## 2.1. Cultura: Aculturação, Desculturação, Inculturação, Transculturação<sup>70</sup>

Partindo do princípio de que o estudo da cultura ainda desperta muita curiosidade e interesse pela sua variedade, à medida que os povos entram em contacto uns com os outros, torna-se importante incluir aqui algumas informações e definições sobre a cultura e os processos transformatórios que foram surgindo ao longo dos tempos. Assim, falaremos sobre a aculturação, a desculturação, a inculturação e a transculturação, que têm envolvido as pessoas dos mais diferentes quadrantes do mundo.

Cultura, segundo Edward B. Taylor<sup>71</sup>, é "todo aquele complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade". Esta definição foi contestada e reformulada pela sua complexidade, pois o conceito de cultura é de difícil enunciação. No século XVIII, a cultura traduzia noções de desenvolvimento, de educação, de bons costumes, de etiqueta e de comportamentos de elite, provocando alguma confusão entre cultura e civilização, principalmente em França e na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, onde a cultura se referia a um ideal de elite. Por isso, surgiu a dicotomia entre "cultura erudita" e "cultura popular", que foi melhor representada nos textos de Matthew Arnold<sup>72</sup>, muito presente ainda no imaginário das sociedades ocidentais. Surgiram outras definições de cultura, sempre com a finalidade de tornar o conceito cultura mais perceptível, através do conteúdo da sua definição, que seria adequado às tipologias a que se referia, mas em algumas definições o conteúdo ainda continuou complexo e de difícil apreensão e transmissão. Tanto é que, quando se pergunta a alguém o que é a cultura, surge sempre uma indecisão inicial na escolha dos termos adequados para a sua definição. Todos sabem o que é cultura, mas existe algum constrangimento na apresentação de uma definição sintética e plausível que traduza o real conteúdo/significado do conceito cultura. Assim, a cultura é definida como: a) um padrão integrado de conhecimento humano, crenças e comportamento que dependem da

---

70 Ortiz, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. "Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba". Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983. Tradução de: Livia Reis. Fonte: <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/ortiz.pdf>.

71 Edward Burnett Tylor, Antropólogo inglês e fundador da Antropologia Cultural. Viveu no período de 2 de Outubro 1832 a 2 de Janeiro de 1917. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Burnett\\_Tylor](https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Burnett_Tylor). Consultado em Junho de 2016.

72 Matthew Arndt, poeta e crítico literário e dedicado à democratização do ensino, britânico Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Matthew\\_Arnold](https://pt.wikipedia.org/wiki/Matthew_Arnold). Consultado em Junho de 2016.

capacidade de aprender e transmitir conhecimentos às gerações vindouras; b) um conjunto de crenças tradicionais, expressões sociais e características materiais de um grupo racial, religioso, com características marcantes de existência quotidiana, como desvios ou estilo de vida, partilhados por pessoas num lugar ou tempo, por exemplo cultura popular, cultura meridional, etc; c) um conjunto de atitudes, valores, objectivos e práticas partilhadas que caracterizam uma instituição ou organização, como no exemplo de uma cultura empresarial, que seja orientada para resultados líquidos; d) um conjunto de valores, associados a um campo específico, actividade ou características sociais, como seja estudar o efeito dos computadores na cultura impressa, ou ainda mudar a cultura do materialismo, etc. Por estas definições, constata-se que o conceito de cultura é muito abrangente, podendo ser atribuído a uma variedade de aspectos e circunstâncias que envolvem tanto as pessoas quanto as organizações. Pessoas, no sentido do local a que pertencem ou têm vivido; organizações no sentido dos seus objectos e missões.

Aculturação: de acordo com várias definições recolhidas, a aculturação<sup>73</sup> é um processo multidimensional, complexo e que consiste no contacto de pessoas que tenham a sua própria cultura com outras culturas, valores e identificações diferentes das suas. De acordo com Berry<sup>74</sup>, a aculturação refere-se a mudanças que acontecem como resultado do contacto entre pessoas de culturas diferentes, grupos e influências sociais<sup>75</sup>. Embora essas mudanças possam ocorrer como resultado de qualquer contacto intercultural, como por exemplo a globalização<sup>76</sup>, a aculturação acontece na maioria das vezes em indivíduos que vivem em países ou regiões diferentes daqueles em que nasceram. Essa constatação pode ser verificada no seio dos imigrantes, refugiados, pessoas que procuram asilo, estudantes deslocados, trabalhadores sazonais e outros, que ao entrar em contacto com outras culturas, deixam-se influenciar e adquirem aspectos de culturas que podem, por vezes, ser pobres, por estarem integrados em contextos que não são os mais apropriados. Sabe-se que, quando culturas diferentes entram em contacto, ocorrem

---

73 Acculturation. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Acculturation>.

74(Berry, 1980, 2006; Tadmor, Tetloc, & Peng, 2002). Fonte: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3700543/>. Consultado em Abril de 2016.

75Margaret A. Gibson. *Immigrant Adaptation and Patterns of Acculturation*. Fonte: <http://www.karger.com/Article/PDF/57037>. Consultado em Abril de 2016.

76 Jeffrey Arnet, 2002. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Jeffrey\\_Arnett](https://en.wikipedia.org/wiki/Jeffrey_Arnett). Consultado em Abril de 2016.

sempre mudanças. A aculturação<sup>77</sup> provoca uma modificação cultural, que acontece num indivíduo ou grupo de pessoas quando adoptam as características de outra cultura.

Desculturação<sup>78</sup> é o processo de perda da identidade cultural de indivíduos ou grupos sociais quando os valores morais e socioculturais são afectados por interferência de factores externos, com consequente perda de originalidade da cultura de origem.

d) Inculcuação<sup>79</sup> é o processo através do qual as pessoas aprendem os fundamentos da cultura envolvente e adquirem valores e comportamentos apropriados ou necessários para essa cultura. Como parte desse processo, as influências exercidas pelos pais ou outros adultos podem limitar, direccionar ou moldar o indivíduo, de forma deliberada ou involuntária. Geralmente o processo de inculcuação abrange a aprendizagem da língua, valores e rituais de uma determinada cultura e/ou é o processo de aprendizagem da primeira cultura. Segundo Conrad Philip Kottak<sup>80</sup>, na obra *Window on Humanity*, a inculcuação é o processo através do qual a cultura que está a ser definida ensina ao indivíduo as normas e valores aceitáveis dessa cultura ou sociedade onde vive.

e) Transculturação<sup>81</sup>: o conceito de transculturação, apresentado pela primeira vez por Fernando Ortiz<sup>82</sup>, tem sido tratado por vários estudiosos. Actualmente defende-se que todas as sociedades são mistas, diversificadas e sujeitas à mudança ao longo dos tempos, ao entrarem em contacto com outras culturas que sofreram influências mútuas, mesmo nos casos de escravatura. Segundo Livia Reis<sup>83</sup>, o conceito de transculturação expressa melhor o processo de transição de uma cultura para outra, tendo em conta que não se trata apenas de adquirir uma cultura diferente, dizendo que nesse caso adequar-se-ia melhor o termo anglo-saxão "*acculturation*". Ainda segundo Livia Reis, o processo de transculturação provoca perda e desenraizamento de uma cultura anterior, ou seja, uma desculturação parcial, com criação de novos fenómenos culturais, que se poderiam denominar de neo-culturação. A transculturação também foi equiparada a um

---

77 Fonte: <http://www.merriam-webster.com/dictionaryacculturation>. Consultado em Abril de 2016.

78 Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/descultura%C3%A7%C3%A3o/>. Consultado em Abril de 2016.

79 Enculturação. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Enculturation>. Consultado em Abril de 2016.

80 Conrad Phillip Kottak, antropólogo americano. Autor de *Window on Humanity, Madagascar: Society and History* e *Anthropology: The Exploration of Human Diversity and Cultural Anthropology*. Foi eleito membro de National Academy of Sciences em 2008.

81 Fonte: <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/ortiz.pd>. Consultado em Julho de 2016.

82 ORTIZ, Fernando. El contrapunto cubano del azúcar y del tabaco. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: "Del fenómeno de la transculturación y de su importancia en Cuba".

83 Livia Reis, Professora e Pesquisadora da Universidade Federal Fluminense e autora de Ensaio sobre Literatura e Cultura Latino-americana, publicado pela Editora da UFF. Fonte: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/38/resenha2.pdf>. Consultado em Julho de 2016.

sincretismo de culturas. No que se refere aos povos africanos, e ainda nas palavras de Lígia Reis<sup>84</sup>, pode-se constatar um conjunto de situações que o povo africano teve de enfrentar durante a escravatura e que poderão estar em sintonia com a definição que é dada de transculturação. Fernando Ortis, justificando o significado do conceito de transculturação, fez uma abordagem explicativa na qual evidencia, de forma muito clara, as quatro fases que identificou nesse processo de transculturação e que foi tema do discurso que fez no Clube Atenas, em Havana, Cuba, a 12 de Dezembro de 1942<sup>85</sup>. Na primeira fase, ou seja a fase de opressão e de desumanização, Ortis apresenta a dominação do homem negro pelo homem branco, através da força e afirma que, segundo os teólogos, a raça negra tinha sido amaldiçoada e que essa maldição fora anunciada por Noé. Por fim, o homem negro foi conquistado, mas não se conformou com esse destino. Toda essa situação aconteceu, por incrível que pareça, em pleno século XIX, segundo Ortiz.

Na segunda fase, ou seja a fase do compromisso, o homem branco, quer apoiado pelo sistema da escravatura quer sem esse apoio, explorou o homem negro, que desprovido de poder e sem forças, defendeu-se com a sua astúcia, procurando fazer jogos ainda mais astutos, com base na desconfiança que tinha do homem branco. É também uma fase de atracção mútua e de mistura das duas raças, da qual nasceu uma descendência de cor castanha. O homem branco perdeu a dureza e o homem negro, por já ter perdido tudo, adaptou-se à nova terra, conseguia dançar e divertir o homem branco. Nas palavras de Ortis, surgiram elogios do género: "bom Negro" e "o bom senhor." Mas, mesmo com esses interregnos, não houve confiança mútua. O senhor pretendeu que o sistema imposto continuasse a vigorar; o homem negro ansiava pela sua liberdade. Segundo Ortiz, existiu uma trégua, mas tratou-se apenas de uma "paz de Zanjon"<sup>86</sup>. Esta seria a fase anterior à actual.

Na terceira fase, ou seja a fase que Ortis denominou de período do ajustamento, o homem de cor já pertencia à segunda geração na América e tentava superar-se imitando,

---

84 Ver no Anexo XVI o texto ilustrativo das situações vivenciadas pelos escravos africanos que consta na página 44 do Anexo.

85 Fernando Ortíz, on the Phases of Transculturation (From a speech made at Club Atenas in Havana, December 12 1942). Fonte: <http://www.historyofcuba.com/history/race/Ortiz-2.htm>. Consultado em Julho de 2016.

86 Zanzon ou El Zanjon de Granados é um complexo de túneis subterrâneos existente em Argentina que foi construído no século XIX para escoamento da água e dos dejectos que se acumulavam na frente das casas. Foi descoberto acidentalmente no final do século XX, durante a reforma da antiga cozinha de um imóvel, inicialmente adquirido para ser um restaurante. Foi transformado num museu de primeiro mundo. Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/PricefinderPopunder>. Consultado em Julho de 2016.

“às cegas”, tanto as boas como as más qualidades do homem branco. Segundo Ortis, esta deve ter sido, talvez, a fase mais difícil. Uma fase de desespero e de descontentamento. Às vezes o homem de cor, como Ortis o apelidou, desesperava-se e odiava-se. A mistura sanguínea não propiciou o que este negro de segunda geração almejava, mesmo que pela lei, riqueza ou ascendência ele fosse considerado branco.

Na quarta fase, ou seja a fase de auto afirmação, o homem de cor adquiriu toda a dignidade, controla o seu próprio destino e alcançou a auto-estima. Já não renega a sua raça e sangue e já não se envergonha das tradições ou dos valores da sua cultura ancestral. As palavras "negro" e "mulato" já não constituem tabus. O respeito mútuo e a cooperação inter-racial estavam a aumentar, embora ainda com alguma reminiscência de preconceitos antigos e o fardo da discriminação económica ainda seja pesado. Ortis dá o exemplo de Cuba, dizendo que já foi atingida a compreensão mútua, apesar da persistência de preconceitos agravados pelas ideologias políticas estrangeiras. Ortiz apresentou Hitler como principal expoente, com todas as suas teorias raciais brutais. Finaliza afirmando que esta é a fase actual e que as quatro fases não são específicas de Cuba, nem do relacionamento homem-branco-homem-negro, mas que acontecem ao nível mundial, abrangendo todas as raças e acontecendo em todas as épocas e locais onde existe um impacto de culturas diferentes, provocado por conflitos económicos. Ortis afirmou ainda que essas fases são inevitáveis, que todas as pessoas dos vários grupos étnicos, mesmo as pessoas pertencentes a grupos oponentes, serão forçadas a submeter-se a elas.

Ortis mencionou ainda uma quinta fase, a ser alcançada no futuro, que é a fase da integração e que apenas uma pequena minoria já teria atingido essa fase. Apelidou esta quinta fase de fase do futuro, a última fase durante a qual as culturas se fundem e os conflitos cessam, originando uma terceira contrapartida, uma terceira entidade e cultura, com vista a uma nova sociedade culturalmente integrada, onde os meros factores raciais perderão o seu poder separador.

## 2.2. A figura de Léopold Sédar Senghor, pai da Negritude

Léopold Sédar Senghor, africano, nasceu no dia 09 de Outubro de 1906 na cidade de Joal, a sul de Dakar, no Senegal, e morreu em Verson, Normandia, França, no dia 20 de Dezembro de 2001, aos 95 anos de idade. Falar de Léopold Sédar Senghor necessariamente obriga a mencionar as duas guerras mundiais, mais especificamente a Segunda Guerra Mundial, que foi a que teve mais influência na formação de algumas das ideias por si professadas. Segundo Christian Roche<sup>87</sup>, Senghor era filho de um rico comerciante de descendência nobre e vivia numa feitoria portuguesa. A mãe pertencia à etnia serer de pastores nómadas. Senghor passou a infância no sul do Senegal, em Fimla, onde frequentou os cultos animistas que inspiraram alguns dos seus poemas. Estudou nas Missões Católicas de Joal e de Ngasobil, no período de 1913 a 1922, tendo-se matriculado depois no Liceu Van Vollenhoven, em Dakar, onde concluiu os estudos secundários. Fez os estudos superiores em Paris e formou-se em Gramática Francesa, pela Universidade de Paris em 1935. Foi o primeiro professor de raça negra que lecionou língua francesa nas Universidades de Tours e Paris, no período de 1935 a 1945, período em que conheceu os intelectuais da diáspora africana Aimé Césaire e Leon-Gontran Damas<sup>88</sup>, com quem criou o conceito de Negritude<sup>89</sup>. Foi poeta, ensaísta e político. Na sua poesia<sup>90</sup>, de cariz simbolista, procurou criar uma civilização que unisse as tradições, para além das suas diferenças. Segundo afirmou Sylvia Washington Ba<sup>91</sup>, a noção de negritude contagiou a poesia de Senghor ao mais alto nível, tendo estado sempre presente nos seus poemas<sup>92</sup>. Em 1939, Senghor entrou para o exército

---

87 Christian Roche, francês, Professor, Mestre Assistente no Senegal e no Gabão, Inspector da Academia para a Competência Pedagógica em França. Escreveu uma tese sobre a história colonial da Casamansa.

Fonte: <http://www.linguee.com.br/frances>. Consultado em Outubro de 2015.

88 Aimé Césaire, natural de Martinica, Leon-Gontran Damas e Léopold Sédar Senghor foram os pais fundadores da Negritude. Segundo Senghor, foi Aimé Césaire que inventou a palavra e o conceito de Negritude numa publicação feita na Revista Estudantil *L'Étudiant noir*, publicado por alguns estudantes das Antilhas e africanos exilados em Paris, no período entre as duas guerras mundiais. Segundo Aimé Césaire, o termo Negritude foi uma invenção colectiva. Fonte: <http://www.rfi.fr/afrique/20130626-aime-cesaire-centenaire-mouvement-negritude>. Consultado em Outubro de 2015.

89A Negritude foi um movimento de libertação cultural e política do homem negro e tinha por fim reivindicar a identidade negra frente à cultura francesa dominante e opressora. Senghor define a Negritude como um conjunto de valores culturais do mundo negro como são expressos na vida, nas instituições e nos trabalhos dos homens negros. Washington Ba, Silvia. *The Concept of the Negritude in the Poetry of the Léopold Sédar Senghor*. 1973. Fonte: <http://press.princeton.edu/titles/61.html>. Consultado em Outubro de 2015.

90Alguns dos poemas de Senghor: *Chants d'ombre* ('Cantos de sombra'), de 1945; *Éthiopiennes* ('Etiópicas'), de 1956; *Nocturnes* ('Nocturnos'), de 1961; *Élégies majeures* ('Elegias maiores'), de 1979. *Hosties noires* ('Hóstias negras'), uma antologia de poesia africana.

91Washington Ba, Silvia. *The Concept of the Negritude in the Poetry of the Léopold Sédar Senghor*. 1973. Fonte: <http://press.princeton.edu/titles/61.html>. Consultado em Outubro de 2015.

92Ver dois poemas escritos por Léopold Sédar Senghor que constam no Anexo XVII, página 45 e no Anexo XVIII, página 46 dos Anexos. Fonte: <http://press.princeton.edu/titles/61.html>. Consultado em Outubro de 2015.

francês e foi preso pelos nazis em 1942, altura em que escreveu o célebre poema sobre as duras condições de cativo dos soldados negros. Foi libertado em Fevereiro de 1942. Senghor teve um percurso académico, militar e político repleto de acontecimentos que acabariam por moldar a sua personalidade e motivar as posturas que foi assumindo durante todo o seu percurso, culminando com a sua eleição como o primeiro Presidente da República do Senegal, já independente, no ano de 1961. Fez um percurso académico que lhe permitiu ter uma formação que lhe abriu portas tanto no mundo académico, pois desempenhou funções de docência, como no mundo político, pelas posições que foi assumindo e ocupando durante a sua vida. Léopold Sédar Senghor foi deputado do Parlamento Francês e foi nessa qualidade que pediu ao Presidente francês Vincent Auriol a libertação dos atiradores senegaleses que escaparam do campo de Thiaroye<sup>93</sup>. Após a IIª Guerra Mundial, a França admitiu a participação dos africanos na vida política, e em Novembro de 1945, Léopold Sédar Senghor foi eleito para a Assembleia constituinte para representar a África Ocidental Francesa (AOF). Em 1946, Senghor foi eleito deputado para o parlamento francês pelo bloco africano de Lamine Gueye. Em 1947, juntamente com outros intelectuais africanos e antilhanos, criou a Revista *Presence Africaine*<sup>94</sup> e foi uma das figuras mais proeminentes da cultura africana da época. Foi conhecido como o pai da Negritude e foi uma das figuras, segundo Manuel Pereira Silva<sup>95</sup>, que melhor personificou o dualismo do processo de aculturação. Senghor, na sua dualidade de ser africano e de se ter deixado aculturar pela cultura francesa, viveu uma guerra interior entre manter a cultura de origem e a cultura do país colonizador, onde é formado e aceite como uma das figuras importantes da Academia Francesa. Senghor tomava determinadas posições que o denunciavam como alguém que professava essa dualidade. Foi assim que Senghor, se manifestou contra a independência dos países africanos. Vivia um dualismo entre ser africano e assumir a aculturação, devido ao seu percurso académico e vivência com a “elite francesa”. Ainda segundo Manuel Pereira Silva, foi notória a existência de um processo de aculturação pelo qual Senghor passou e que lhe permitiu ocupar determinadas posições de destaque

---

93 O Massacre de Thiaroye, que ocorreu num campo militar da periferia de Dakar, vitimou no dia 01 de Dezembro de 1944 1.290 soldados africanos por terem reivindicado as suas indemnizações na altura em que regressavam da França, depois da guerra. Fonte: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Massacre\\_de\\_Thiaroye](https://fr.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Thiaroye). Consultado em Outubro de 2015.

94 Revista *Presence Africaine*, revista que propõe divulgar vários aspectos da história e das culturas africanas e que cria um movimento cultural favorável à independência dos países africanos e das ex-colónias francesas. Fonte: <http://www.buala.org/pt/da-fala/etiquetas/presence-africaine>. Consultado em Outubro de 2015.

95 Manuel Pereira Silva, cabo-verdiano, Sociólogo e Consultor, entrevistado em Outubro de 2015.

na cultura e na Academia Francesa. De acordo com Júlio Mendes Lopes<sup>96</sup>, Senghor retratou-se no discurso que fez na Assembleia Europeia, em Estrasburgo, em 1950, onde afirmou o seguinte:

“no século politécnico da bomba atômica o nacionalismo aparece ultrapassado e a independência não é mais que uma ilusão”.

Ainda segundo Júlio Mendes Lopes, Senghor faria um outro discurso, após o de Estrasburgo, onde falaria sobre as independências dos países africanos da seguinte forma:

“Falar de independência é raciocinar de cabeça para baixo e os pés no ar. Isto não é racional. É um falso problema”.

Júlio Mendes Lopes afirmou ainda que Senghor foi contra a independência dos países africanos através da luta armada, como era defendida por Franz Fanon. Disse ainda que Senghor foi vítima de alienação cultural por ter sido educado num sistema e num contexto cultural onde o homem africano foi ridicularizado, sem ter tido a capacidade de fazer uma leitura crítica da realidade social. Após a independência do Senegal, Senghor foi eleito Presidente da República no dia 05 de Setembro de 1960. Teve uma presidência conturbada por problemas sociais e corrupção e foi mesmo apelidado de lacaio do imperialismo francês pelos estudantes senegaleses. Em Março de 1976 foi instaurado o multipartidarismo no Senegal e, em 1980, Senghor pediu a exoneração do cargo, após ter-se mantido no poder durante 20 anos. Em 1981, Senghor partiu para França, tendo fixado residência na cidade de Verson, Normandia. Foi eleito membro da Academia Francesa<sup>97</sup> em 1983, o que lhe granjeou muita reputação internacional. Foi porta-voz internacional para a África e Terceiro Mundo, apoiou a criação da francofonia e foi o vice-Presidente do Alto Conselho da francofonia. Senghor foi Doutor Honoris Causa<sup>98</sup> em mais de 20 universidades. Ainda segundo Sylvia Washington Bâ, os temas presentes na obra de Senghor falam sobre a alienação e o exílio e sobre a capacidade que Senghor teve de utilizar o contraste entre a sua sensibilidade e valores aos da Europa, para formular o seu credo. Teve vários opositores

---

96 Júlio Mendes Lopes é Professor de História de Angola no Instituto Superior João Paulo II e Assistente de História de África no Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade de Dr. Agostinho Neto, Luanda, Angola. Fonte: [www.rechercheisidore.fr](http://www.rechercheisidore.fr) resource. Consultado em Outubro de 2015.

97 Ver a fotografia de Léopold Sédar Senghor a mostrar o troféu da sua nomeação como membro da Academia Francesa. Anexo XIX, que consta na página 47 dos Anexos.

98 Senghor recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Baía no ano de 1964.

entre os radicais negros, mas Senghor deixou uma obra fenomenal. Utilizou as nuances, as subtilezas e as sonoridades da língua Francesa para evidenciar a dinâmica e a vitalidade do africano negro. Senghor foi feliz na obra que escreveu, tendo a mesma sido traduzida para muitas línguas. Recebeu vários prêmios literários como político e como estadista. Senghor também se deixou influenciar pelo Pan-africanismo<sup>99</sup>, que foi e continua a ser um movimento político, filosófico e social. Foi criado no início do século XIX para promover a defesa dos direitos do povo africano e da unidade do continente africano, através da criação de um único Estado soberano para todos os africanos na África e na diáspora. A teoria do Pan-africanismo foi desenvolvida na diáspora americana, a partir de meados do século XX, por William Edward Burghart Du Bois<sup>100</sup> e Marcus Mosiah Garvey, entre outros, e posteriormente por Kwame Nkruma. Essa teoria foi muito popular entre as elites africanas durante as lutas de libertação nacional, ocorridas na segunda metade do século XX, e foi responsável, em parte, pelo surgimento da Organização da Unidade Africana (OUA)<sup>101</sup>. O Pan-africanismo teve como principais objectivos unir a política de toda a África e reagrupar as várias etnias separadas pelos colonizadores. Foi decisiva para a independência dos países africanos, promoveu a criação de um Estado único e de condições para o desenvolvimento de todos os africanos. Promoveu o culto aos mais velhos e o aumento da utilização das línguas e dialectos africanos que eram proibidos ou limitados pelos colonizadores. Henry Sylvester-Williams e William Edward Burghardt Du Bois foram considerados os pais da Pan-africanismo.

---

99Pan-africanismo - termo originário do grego: pan que significa “toda” e africanismo que se refere a elementos africanos. A origem do termo é inserida na corrente filosófica-política historicista do século XIX sobre o destino dos povos e a necessidade de haver unidade de grandes conjuntos culturais ou “nações naturais”, a partir do expansionismo imperialista ocidental. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan-africanismo>. Consultado em Maio de 2016.

100 Não se sabe ao certo se a expressão Pan-africanismo é da autoria de William Edward Burghardt Du Bois ou de Henry Sylvester Williams, ambos adeptos em primeira linha da ideologia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan-africanismo>. Consultado em Maio de 2016.

101A Organização da Unidade Africana (OUA) foi criada no dia 25 de Maio de 1963 em Adis Abeba, Etiópia, por iniciativa do Imperador etíope Haile Selassie, através da assinatura do documento constitutivo por representantes de 32 governos de países africanos independentes, para enfrentar o colonialismo, o neocolonialismo e apropriação das suas riquezas. A OUA foi substituída pela União Africana no dia 09 de Julho de 2002. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Unidade\\_Africana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_da_Unidade_Africana). Consultado em Outubro de 2015.

### 2.3. Relevância da escravatura na África Ocidental<sup>102</sup>

A escravatura na África Ocidental não foi diferente da praticada nas restantes partes de África. Os objectivos eram comuns e os negociadores e compradores de escravos tinham metas traçadas para encontrar mão-de-obra barata e serviços para todo o tipo de labores. Com a presença constante de europeus na costa atlântica, o comércio de escravos para o Novo Mundo foi iniciado no século XVI pelo Império Português, tendo sido seguido por outros povos, segundo *Paul E. Lovejoy e David Richardson*<sup>103</sup>. Os escravos eram utilizados no trabalho da produção do café, tabaco, cacau, açúcar e algodão, minas de ouro e prata, campos de arroz, indústria de construção, corte de madeira e serviço doméstico na América. Os primeiros escravos africanos que foram transportados para as colónias inglesas eram classificados como "servos contratados" e como "aprendizes para toda a vida". Em meados do século XVII, a escravatura era considerada uma casta racial e os escravos negros, bem como seus descendentes, eram propriedade de seus donos. Os filhos de mães escravas obtinham o estatuto de escravos e eram considerados mercadoria ou unidades de trabalho. Eram vendidos em mercados juntamente com outros produtos e serviços depois de serem marcados a ferro, como forma de identificar os donos. Os principais negociadores de escravos da costa Atlântica eram oriundos de vários países, nomeadamente Portugal, Reino Unido, França, Espanha, Holanda e Estados Unidos, que compravam os escravos através dos chefes africanos locais.

Embora já tivesse havido antes uma presença portuguesa na África Ocidental, importa dizer que a escravatura na África Ocidental remonta aos anos de 1470, altura em que os portugueses iniciaram o comércio de escravos nos golfos do Benim, através do rio Níger e de outros rios. A intervenção dos portugueses na África subsariana esteve marcada pela construção da fortaleza de São Jorge da Mina, no Gana, em 1482. Mas em 1444 os portugueses aportaram à costa da Senegâmbia e pretendiam atacar e escravizar a população da costa africana, tendo assaltado de surpresa o Império do Mali, que reagiu e derrotou os portugueses com o apoio do exército imperial do Mali. Essas derrotas infligidas aos portugueses fizeram com que o rei de Portugal, D. Afonso V, enviasse

---

102 Fonte://pt.wikipedia.org/wiki/Escravid%C3%A3o\_em\_%C3%81frica#A\_presen.  
C3.A7a\_europeia\_na\_costa-atl.C3.A2ntica\_e\_o\_com.C3.A9rcio\_de\_escravos. Consultado em Outubro de 2015.

103 Paul E. Lovejoy and David Richardson (2001). «The Business of Slaving: Pawnship in Western Africa, c. 1600–1810». *The Journal of African History* 42 (1): 67–89. Fonte: www.yorku.ca/nhp/people/plovejoy. Consultado em Outubro de 2015.

Diogo Gomes para a região em 1456 para garantir a paz. Em 1462, o comércio de escravos foi incentivado em toda a região da Senegâmbia. Os portugueses investiram na navegação no litoral da África Ocidental com o objectivo de explorar as minas de ouro e obter lucros, o que não se concretizou. Entretanto, o comércio de escravos prosseguiu e foram vendidos cerca de 11.313.000 escravos entre 1450 e 1900. O comércio de escravos realizado no Atlântico, denominado comércio transatlântico de escravos ou tráfico negreiro, ocorreu em todo o Oceano Atlântico entre os séculos XVI e XIX. A grande maioria dos escravos transportada para o Novo Mundo, pela rota do Comércio Triangular, era natural da África Ocidental e foi vendida por outros africanos ocidentais aos negociadores de escravos da Europa ou eram capturados directamente pelos europeus. Juntamente com o comércio de escravos, foi incentivado o comércio de outros produtos, nomeadamente marfim, tecidos, tabaco, armas de fogo e peles. Houve no século XV um grande aproveitamento da mão-de-obra dos escravos vendidos em Portugal e na Europa, mas o tráfico de escravos teve o seu maior incremento através da exploração das colónias americanas. A população africana passou por um processo de escravidão sem limites. Segundo Paul Lovejoy<sup>104</sup>, houve vários casos de escravatura com grande dependência do escravo ao senhor, que se via privado de qualquer autonomia e com impossibilidade de cumprir as suas necessidades fundamentais. Paul Lovejoy apresentou o caso das mulheres que eram convertidas em concubinas dos senhores. Ainda muito antes da chegada dos portugueses ao Gana, os árabes, que praticavam o comércio nesse país, consideravam as mulheres escravas como sua propriedade e utilizavam-nas no trabalho agrícola. Segundo Osvaldo Lopes da Silva<sup>105</sup>, algumas escravas domésticas foram escolarizadas e aproveitadas como professoras. Ainda segundo Osvaldo Lopes da Silva, se essas escravas tivessem pretendentes, os pedidos de casamento tinham de ser feitos directamente aos donos. Os senhores só permitiam o casamento se esses pretendentes tivessem formação e alguma forma de subsistência para manter o casamento. Esse comportamento é indicativo do grande ou mesmo do absoluto domínio dos escravos pelos seus senhores. Segundo Herbert S. Klein<sup>106</sup>, foram transportados muitos escravos através do Atlântico e, antes do final do

---

104 Lovejoy, Paul E and David Richardson (2001). «The Business of Slaving: Pawnship in Western Africa, c. 1600–1810». *The Journal of African History* 42 (1): 67– 89. Fonte: [www.yorku.ca/nhp/people/plovejoy](http://www.yorku.ca/nhp/people/plovejoy). Consultado em Outubro de 2015.

105 Osvaldo Lopes da Silva, cabo-verdiano, economista, combatente da liberdade da pátria. Foi Ministro da Economia do Governo de Cabo Verde na Primeira República, 1975.

106 Klein, Herbert S. and Jacob Klein. *The Atlantic Slave Trade*. Cambridge University Press, 1999, pp. 103–139. Consultado em Maio de 2016.

século XVIII, esses escravos eram os imigrantes mais numerosos do Velho Mundo no Norte e Sul da América. De acordo com Basil Davidson, o tráfico de escravos, a exportação do trabalho africano para as Índias e Américas, marcaram uma migração forçada e catastrófica na história da humanidade<sup>107</sup>. Segundo Manuel Pereira Silva<sup>108</sup>, Roger Bastide<sup>109</sup> afirmou que a escravatura serviu para separar povos, mas também serviu para juntar povos. Separou povos porque os retirou das suas regiões para serem levados de África para os Estados Unidos, América do Norte e América do Sul e outras paragens. Mas também serviu para unir povos africanos de várias origens com povos de outros países para onde foram deslocados, o que deu origem ao encontro de culturas e de línguas diferentes, tendo havido a necessidade de esses povos se adaptarem uns aos outros e encontrarem uma forma comum para se comunicarem. No século XVIII começou um novo período para a escravatura. As populações africanas começaram a reagir, deixaram de ser submissas e os povos do interior de África começaram a organizar-se e a utilizar armas para se defenderem dos ataques dos senhores. A escravatura começou a ser abolida e, no século XVIII, Portugal perdeu o controlo do tráfico de escravos e foi o primeiro país a iniciar o processo de abolição da escravatura. No início do século XIX, os ingleses e os franceses abandonaram o tráfico de escravos e começou o processo da extinção da escravatura. Foi um processo longo, traumático, que deixou marcas profundas em África. Uma outra vertente da escravatura foi a escravatura doméstica, que tinha por objectivos utilizar os escravos no trabalho doméstico. David Turley<sup>110</sup>, na sua obra *História da Escravatura*, afirmou que os escravos domésticos também eram aproveitados para trabalho agrícola, tecelagem e outros, desempenhando actividades económicas juntamente com outras actividades e provando que havia uma diferença entre as funções económicas e não económicas desempenhadas pelos escravos. David Turley indicou também a relação da escravatura com a introdução da tecnologia, afirmando que a inovação técnica, em vez de contribuir para diminuir a utilização do trabalho dos escravos, contribuiu para intensificar esse trabalho. Relativamente aos escravos domésticos, mais precisamente sobre a escravatura

---

107 Basil Davidson. *The African Slave Trade*. 1961. Consultado em Maio de 2016.

108 Manuel Pereira Silva, cabo-verdiano, sociólogo, consultor. Em entrevista feita na Praia em Outubro de 2015.

109 Roger Bastide, sociólogo e antropólogo francês (1898- 1974). Foi Professor de Sociologia na Universidade de São Paulo. Viveu no Brasil no período de 1933 a 1954.

<sup>110</sup> Turley David. *História da Escravatura*, páginas 102-115. Fonte: <https://olx.pt/anuncio/livro-histria-da-escravatura-de-david-turley-IDyzdKL.html>. Consultado em Abril de 2016.

feminina, Maria Ângela de Faria Grilo<sup>111</sup> indicou, nas Memórias da Escravidão, a forma como os escravos eram vendidos, muitas vezes juntamente com animais e outros objectos, na medida em que eram considerados animais. No século XIX, a oferta de aluguer, compra e venda de escravos era feita em jornais, revistas e folhetins, acompanhada de vários pormenores sobre os escravos para poderem ser competitivos. Quando se tratava de compra ou venda de mulheres escravas, os anúncios faziam a descrição física das escravas da seguinte forma: “*compra-se escrava, moça bonita com habilidades, boa vendedeira de rua, sem vícios nem achaques, preferindo-se com cria. Não se olha o preço: Rua da Cruz, N. 35. (Diário de Pernanbuco, 27/01/1851)*”. Outro anúncio dizia: “*vende-se uma escrava crioula, moça, sadia...*”<sup>112</sup>. Ainda um outro anúncio: “*vende-se um mulatinho quase branco...*”<sup>113</sup>. Esses anúncios mostravam que a idade, o estado de saúde, o sexo e a aparência condicionavam o preço a atribuir ao escravo durante a oferta e procura. O escravo africano, como fonte de renda que era, tinha uma dupla função: era considerado capital como força de trabalho e era fonte de renda, porque vendia produtos nas ruas para aumentar a renda do senhor. Ainda um outro aspecto da escravatura foi a ameaça que o escravo passou a representar para o senhor. Assim, nas palavras de Maria Ângela de Faria Grilo<sup>114</sup>, os escravos representavam uma ameaça por causa da sua diferença cultural e religiosa e eram obrigados a abandonar os seus hábitos e cultos para diminuir essa ameaça, o que Kátia Matoso<sup>115</sup> chamou de “repersonalização”. Pode-se constatar essa ameaça nas fugas realizadas pelos escravos, as quais também foram objecto de anúncios em jornais: “... *fugiu preta Maria Joaquina, baixa e cheia de corpo*”; “*Maria, escrava fugida de 12 anos, gaga, beiços grossos e olhos mortos...recompensa para quem encontrasse escravos fujões*”<sup>116</sup>. Ainda, o escravo era obrigado pelo senhor a fazer uma tripla

---

<sup>111</sup> Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp 51-67.

<sup>112</sup> Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, p 53.

<sup>113</sup> Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, p 54.

<sup>114</sup> Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp 59-61.

<sup>115</sup> Katia de Queirós Mattoso. Historiadora greco-brasileira, especialista em História Económica e Social da Baía e em História Social da Escravidão no Brasil .

<sup>116</sup> Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, p 61.

aprendizagem, ou seja, aprender o idioma do senhor, rezar ao Deus dos cristãos e executar um trabalho útil. Relativamente aos aspectos religiosos, Manuel Pereira Silva<sup>117</sup> afirmou que o Padre passou a ser um recurso utilizado pelos negociadores dos escravos e que não foi por acaso que a Igreja desempenhou um papel muito importante na organização social e territorial do espaço. Em 1824, os escravos que fugiam, quando apanhados, eram sujeitos a pesados castigos corporais que iam desde açoites com chicotes até mutilações, ou seja, corte de orelhas, amputação de dedos dos pés e utilização de ferro em brasa para os marcar. Como consequência desses maus tratos, alguns escravos costumavam praticar o suicídio, outros assassinavam os feitores e senhores através de envenenamento e utilização de facas e foices para ferir e matar<sup>118</sup>. Nos Anais de Vila Bela<sup>119</sup>, há várias referências sobre a rebelião dos escravos e as constantes fugas para Espanha e Vila Bela, dificultando a sua captura. Havia acordos entre Espanha e Portugal sobre a devolução dos escravos que pertenciam a um ou outro país. Os escravos que fugiam refugiavam-se nos Quilombos, onde se abrigavam e eram governados por reis. O mais mencionado pela sua importância foi o Quilombo Grande, em que após a morte do rei, a rainha Teresa Benguela assumiu o trono e passou a ter poderes absolutos que lhe permitiam mandar matar por enforcamento, quebrar pernas e braços e mesmo enterrar vivos os escravos que pretendessem voltar para os seus senhores. O Quilombo da rainha Teresa Benguela tinha um parlamento e deputados que executavam as ordens da rainha sem as contestar. José Piolho, que tinha sido rei em outro Quilombo no Rio de Janeiro, era o conselheiro da rainha e foi considerado “o maior oráculo”. No seguimento de alguns assaltos ao Quilombo, a rainha foi aprisionada pelos soldados durante um confronto e acabou por morrer de pasmo. A cabeça da rainha foi separada do corpo, içada num pau comprido e colocada no meio da praça do Quilombo para ser vista e servir de exemplo para todos. Ainda na escravatura e nas palavras de Daniela Buono Calainho<sup>120</sup>, havia escravas feitiçeras em Portugal que utilizavam um conjunto de práticas para fazer feitiços contra os senhores. Entre os materiais utilizados figuravam sal bento do baptismo de um menino, velas verdes, pó vermelho e outros materiais. Havia ainda outros materiais utilizados para o feitiço a

---

117 Em entrevista concedida em Outubro de 2015. Anexo II, inserido na página 3 dos Anexos.

118 Grilo, Maria Ângela de Faria. “Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 2850 a 1888”- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmiento. Porto:CEI e FIPP, 2008, p 66.

119 Leny Canzelli Anzai. Fonte: Contribuição dos “Anais de Vila Bela”: 1734-1789” para o Estudo da Escravidão no Império Português. Consultado em Abril de 2014.

120 *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Centro de Estudos Interculturais. CEI. 2008. Páginas 70-75.

favor das conquistas amorosas, ou seja, a utilização de secreções humanas, fios de cabelo e unhas que eram considerados ingredientes essenciais para a magia erótica, com a finalidade de favorecer e/ou acabar com os relacionamentos. Uma outra vertente importante dentro da escravatura foi a escravatura feminina, relacionada com a economia doméstica. De acordo com Eugénia Rodrigues<sup>121</sup>, a escravatura feminina era utilizada para permitir o desenvolvimento da economia doméstica e para demonstrar o estatuto social dos senhores. Havia organização e uma hierarquia entre os escravos domésticos que eram obrigados a ter determinadas formações para poderem acompanhar o estilo de vida dos senhores. Esses escravos eram considerados escravos especializados e os senhores dispensavam-lhes um tratamento diferente. A depender das tarefas que desempenhavam, por exemplo, a de amamentar os filhos das senhoras, as escravas que se dedicassem a essa tarefa eram recompensadas e incluídas no testamento das senhoras, com ofertas valiosas, que podiam ser uma grande quantidade de panos africanos, conhecidos por capulanas, para além da carta de alforria. Importa também salientar uma outra actividade atribuída às escravas, que estava ligada ao lazer das senhoras. Tinham por incumbência visitar as outras senhoras, no início e no fim do dia, para apresentar cumprimentos das donas e obter informações sobre os acontecimentos do dia nas casas dessas senhoras. Essas escravas eram denominadas bandázias e eram um elo de ligação e contacto entre as várias senhoras. Tinham os seus adornos próprios, oferecidos pelas senhoras, o que também traduzia o grau de riqueza e de importância dessas senhoras. Segundo o memorialista Pinto de Miranda, as senhoras, quando iam à Igreja, faziam-se acompanhar por um grande número dessas bandázias, como prova de sua riqueza.

---

121 Rodrigues. Eugénia. "Escravatura Feminina, Economia Doméstica e Estatuto Social nos Prazos de Zambeze no Século XVIII"- *Condição Feminina no Império Colonial Português*. Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp 77-93.

## 2.4. Os grandes reinos Africanos<sup>122</sup>

Pela história de África, sabe-se que existiram muitos reinos africanos antes do século XIV, tendo tido cada reino a sua administração própria, que englobava todos os aspectos referentes à vida em sociedade, de acordo com a história de cada região. A vida quotidiana nesses reinos era pautada pelas normas ditadas pelo chefe, rei ou imperador e havia sentido de responsabilidade no cumprimento das várias tarefas que cabiam a cada grupo e que eram supervisionadas por responsáveis indicados e escolhidos dentre os moradores das várias comunidades. Esses reinos tinham uma riqueza invulgar, sobressaindo as minas de ouro, cobre, urânio, ferro, enxofre e pedras preciosas. Para a subsistência de cada reino, a população dedicava-se à agricultura, à pesca e ao comércio entre os reinos, onde vendiam o ouro e outros produtos. Na maioria das vezes, o comércio era feito através de trocas e a moeda utilizada era definida e escolhida entre alguns objectos que tivessem uma grande representatividade e simbologia, a depender de cada reino. Os vários rios existentes desempenharam uma função fundamental no desenvolvimento do comércio e no contacto com os outros reinos, permitindo o encontro de várias culturas, o alargamento do conhecimento de outros povos e de outros produtos. A riqueza existente na África de então não se limitava apenas ao ouro e a outros produtos. A cultura era diferente de reino para reino, o artesanato era específico de cada reino, a música era variada, havia instrumentos musicais típicos e produção de vários tipos de tecidos. A religião também desempenhou um papel importante no desenvolvimento e formação das pessoas. As Mesquitas, onde se professava a religião Islâmica e se ministrava conhecimentos, foram grandes centros do saber e de formação das populações. A África tinha a sua própria história, os seus saberes, os seus costumes, a sua maneira de estar na vida, que foram interrompidos pela vontade de alguns países europeus em querer descobrir o desconhecido, fugir à monotonia e à carência de vária ordem, que enfrentavam nos seus países. Tudo isso aguçou a cobiça e fez com que África fosse invadida, maltratada e desbaratada por povos que desconheciam o valor da vida humana lá existente. Nos finais do século XIV surgiram as primeiras investidas de europeus em África, que puseram fim aos reinos existentes na época e ao sonho de se continuar a construir uma África benéfica para toda a humanidade. Desses reinos e pela sua importância salientam-se o reino do Benim, o

---

122 Fonte: <http://janah-historiando.blogspot.com/2012/07/africa-dos-grandes-reinos-e-imperios.html>. Consultado em Maio de 2016.

reino do Congo, o reino do Gana, o reino do Mali, mais conhecido pelo reino Mandinga, cuja história se conhece mais em pormenor. Em todos esses reinos era patente a diversidade social, política e cultural dos habitantes de África, motivada pela grandeza e características geográficas do continente. Milhões de africanos foram massacrados e mortos em resposta ao acolhimento e ao serviço forçado prestado, em benefício de uma ganância sem limites manifestada durante séculos por povos europeus.

### **Reino do Benim: “os feitos de obá”<sup>123</sup>**

O Reino de Benim existiu entre os séculos XII e XIII e ficava situado nos territórios onde hoje se situam a Nigéria e os Camarões. Todas as cidades pertencentes ao reino do Benim foram convertidas em reinos, onde os vários mercadores se reuniam para expor e vender os seus produtos. Entre os produtos vendidos, estavam o sal, o peixe seco, o inhame<sup>124</sup>, o dendê<sup>125</sup>, o feijão, animais de criação, cobre, pimenta, marfim, tecidos e escravos. Os reinos de Ifê e o reino Iorubá eram os principais compradores de pimenta, marfim, tecidos e escravos. De acordo com alguns cronistas, a cidade do Benim tinha grandes muralhas e um palácio onde foram incrustadas placas de latão nas paredes, que serviam para contar a história do reino, nomeadamente as caçadas, as guerras e os primeiros contactos com os portugueses no ano de 1485. Os europeus também foram representados por artistas africanos através de imagens esculpidas nas placas de latão e em marfim. O reino de Benim foi desintegrado no século XIX pelos ingleses.

### **Reino do Congo: “saudações ao Manicongo”<sup>126</sup>**

O reino do Congo foi fundado no século XIV, ocupava uma grande área na África centro ocidental, tinha várias províncias e era governado por um rei. Actualmente, a região, que pertencia ao reino do Congo, passou a ser a República Democrática do Congo. A economia do Congo era baseada na agricultura, pastoreio e comércio. O comércio era uma grande fonte de economia do reino, porque era através do comércio que se vendia tecidos, sal, metais e marfim. Praticava-se o comércio de troca e a moeda,

---

<sup>123</sup> Obá era o título do principal chefe do reino que se tornou o supremo poder na região. Foi a primeira mulher de Xangô. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ob%C3%A1>. Consultado em Maio de 2016.

<sup>124</sup> Inhame é uma planta alimentícia. O tubérculo é utilizado na culinária.

<sup>125</sup> Dendê é o fruto da palmeira do qual se extrai o óleo de palma, muito utilizado na culinária angolana e brasileira. Fonte: <http://www.ppmac.org/?q=node/629/results>. Consultado em Maio de 2015.

<sup>126</sup> Manicongo era o título atribuído a um rei.

na maior parte das vezes, era uma concha chamada nzimbu, oriunda de Luanda, Angola. O rei, ou seja o Manicongo, tinha conselheiros, controlava todo o comércio, a circulação de pessoas, recebia impostos e proporcionava uma vida harmoniosa às populações, através da protecção que lhes dispensava. O Manicongo também era responsável pelas boas relações com os espíritos e os anciãos. O contacto com os portugueses no reino do Congo começou no ano de 1483.

### **Reino do Gana: conhecido pela “terra do ouro”**

O reino do Gana, que estava situado na África Ocidental e ficava ao sul do Deserto do Saara, desenvolveu-se a partir do ano 300 e teve o seu apogeu entre os séculos IX e X, quando dominou os povos vizinhos e ocupou uma faixa territorial muito vasta. O rei era considerado o intermediário entre os deuses e os homens, tinha um exército poderoso e ocupava uma posição cimeira numa sociedade que era hierarquizada. A administração do reino estava sob a responsabilidade dos sacerdotes e nobres. Embora o comércio fosse a principal actividade económica, a fonte de subsistência era garantida pela agricultura e pela criação de gado, nas quais as populações estavam envolvidas. O Reino do Gana controlava as rotas do comércio, que se estendiam do deserto do Saara às cidades e aos portos do norte de África. O camelo era um animal importante no reino do Gana pois todo o comércio era praticado através de caravanas de camelos, dada a particularidade de consumirem pouca água nas travessias do deserto. O Gana possuía grandes minas de ouro, razão pela qual o ouro era o principal artigo transportado e vendido. Os reis do Gana eram denominados pelos povos do norte de “senhores do ouro” e, durante a colonização portuguesa, o Gana foi denominado de Costa de Ouro por ter grandes jazidas desse mineral. Ainda hoje a exploração do ouro do Gana é uma das actividades económicas mais importantes do país, continuando o Gana a ser um dos maiores produtores do mundo. Juntamente com o ouro, também se comercializava o sal, que era extraído das salinas do litoral ou das jazidas no deserto. Os produtos manufacturados, tecidos europeus e asiáticos, barras de cobre, contas de vidro e vários tipos de armas vinham do norte e abasteciam as sociedades africanas.

## **Império do Mali ou Reino Mandinga, conhecido pelo “lugar onde o senhor reside”**

O Império do Mali ou reino Mandinga<sup>127</sup> desenvolveu-se entre os séculos XIII e XVI, período em que o rei impôs a sua hegemonia sobre a bacia do Rio Níger. Constituído pela actual República do Mali e algumas regiões do Senegal e da Guiné, o reino do Mali alargou a sua área territorial no século XIV, após ter anexado as cidades de Tombuctu, Gao e Djenne, que eram centros de troca importantes e onde havia grande concentração de pessoas. Estas cidades eram banhadas por rios através dos quais se fazia o transporte de produtos na região. O Mali era um império poderoso, controlava o comércio transaariano e as rotas de caravanas que se dirigiam para as principais cidades do litoral do reino, onde afluía o Rio Níger. Os administradores do reino aplicavam taxas sobre o comércio do ouro, do sal, dos escravos, do marfim, da noz-de-cola e de outros produtos que eram importantes para a manutenção do Estado, da corte e do Mansa<sup>128</sup>. O artesanato era muito desenvolvido e os artesãos eram representados perante o imperador. Existem relatos de várias histórias de alguns governantes do Mali que foram muito importantes, nomeadamente o rei Sundiata, herói fundador do reino que governou de 1230 a 1255, e Mansa Musa, que governou entre 1312 e 1337. Uma das particularidades a salientar nesses reinos é o número de anos que esses governadores, imperadores, reis e chefes africanos governavam, num total nunca inferior a 20 anos, o que denota a aceitação que tinham no seio da população, por serem admirados ou temidos ou ainda por garantirem protecção. Uma das cidades que se destacou no reino do Mali foi a cidade de Tombuctu, considerado um grande centro cultural do continente africano. Possuía bibliotecas, madrassas<sup>129</sup> e mesquitas sumptuosas, onde a comunidade muçulmana se reunia para analisar assuntos preponderantes, debater questões religiosas, sociais, políticas e locais. A cidade de Tombuctu, pela sua grande relevância e desenvolvimento, era o ponto de encontro frequente de poetas, intelectuais e artistas da África e do Oriente Médio. Tombuctu era também um dos principais polos islâmicos da África subsaariana e foi declarada em 1988 património mundial pela UNESCO. Tombuctu era considerada um dos principais centros do saber, onde os alunos eram formados em várias faculdades independentes. Um dos objectivos do ensino era transmitir os ensinamentos do Alcorão, livro sagrado do Islamismo, que era a religião professada no Império do Mali e do Gana. No entanto, os mandingas eram conotados

---

<sup>127</sup> Fonte: Boletim *Territórios Negros* (v.7, n.30, jul./ago. 2007). Consultado em Maio de 2016.

<sup>128</sup> Mansa era o título atribuído aos governantes do Mali.

<sup>129</sup> Madrassa era uma Universidade milenar no reino Mandinga.

com feiticeiros devido ao hábito de colocarem ao pescoço pequenas bolsas, ou seja amuletos, onde guardavam versículos do Alcorão e signos de Salomão. Esses amuletos foram amplamente divulgados entre a população negra, que passou a usá-los ao pescoço. Por essa e outras razões, os mandingas foram confundidos com feiticeiros e foram julgados e processados no século XVIII por venderem essas bolsas, que a população acreditava que as protegia dos inimigos. A bolsa mandinga, ou seja o amuleto, era considerada uma forma de feitiçaria por misturar símbolos de várias tradições religiosas de origem africana e mesmo ameríndia. Também foram muito comercializadas na América e em Portugal durante o século XVIII. Está-se, por isso, perante uma difusão de aspectos das religiosidades sincréticas na América, no Brasil e em Portugal. A maioria dos contactos dos reinos africanos com os povos europeus e americanos<sup>130</sup> foi estabelecida através do comércio, quer em situações pacíficas quer nas situações de conflito que existiram no reino do Gana no século XIII, no reinado de Sundiata Keita, rei do Império do Mali. A partir do século XV, os europeus iniciaram as suas expedições pela costa africana e estabeleceram contacto com as populações que pertenciam a vários povos, falavam línguas estranhas e tinham tradições e costumes diferentes dos povos invasores. Desse contacto, surgiu um intercâmbio cultural que marcou tanto os invasores quanto os invadidos, com repercussões bem visíveis no mundo actual. É assim que ainda hoje no Brasil existem identificações na capoeira, onde se toca o berimbau, e na culinária, na preparação de alguns pratos como o vatapá, o caruru e outros. As influências na música estiveram presentes no batuque e na ginga do samba, bem como em outros instrumentos musicais. Por mais que se queira evitar ou negar, o continente europeu e o continente americano estiveram e continuarão a estar ligados ao continente africano através de laços criados no passado e que se estenderão para o presente e o futuro, com muito poucas probabilidades de serem quebrados. A história existe e é fidedigna.

---

<sup>130</sup> Fonte: <http://gephiseseba.blogspot.com.br/2010/10/texto-1-africa-dos-grandes-reinos-e.html>. Consultado em Maio de 2016.

## 2.5. Práticas religiosas africanas, brasileiras e cubanas

As religiões tradicionais africanas<sup>131</sup> sempre foram retratadas nas manifestações culturais, religiosas e espirituais do povo africano, que retiravam daí ensinamentos, práticas e rituais destinados a compreender o aspecto divino dessas religiões. Ao lado das práticas e rituais, o sobrenatural esteve sempre em evidência, embora compreendido de forma diferente em cada comunidade. Estas religiões tradicionais não sofreram grandes alterações quando entraram em contacto com outras religiões, nomeadamente o cristianismo, o budismo, o islamismo, o judaísmo e outras práticas religiosas que surgiram mais tarde. Dada a grande religiosidade do povo africano, estimava-se que cerca de 100 milhões de pessoas em todo o território africano professavam religiões tradicionais. A crença em Deus era grande entre os africanos, e a Ele atribuíam a criação do Universo e deviam fidelidade. As religiões tradicionais africanas eram equiparadas à religião Iorubá da África Ocidental e primavam pela oralidade<sup>132</sup>. Por essa razão, os linguistas Christopher Ehret<sup>133</sup> e Placide Tempels aproveitaram o conhecimento que tinham de línguas para reconstruir essas tradições religiosas e para tal utilizaram línguas afro-brasileiras, nilo-saarianas, Níger-Congo e khoisan. As práticas religiosas, devido ao contacto dos escravos com outros povos, começaram a ser descritas nos finais do século XIX, com o surgimento do espiritismo, mais especificamente o espiritismo de Alan Kardec<sup>134</sup>. As religiões tradicionais africanas e da diáspora eram diferentes das religiões indígenas-primitivas, que eram praticadas por várias tribos. No Norte da África, praticava-se a mitologia berbere e a mitologia Egípcia, pré-cristã, e na África Ocidental praticava-se a mitologia Akan, a mitologia Ashanti no Gana, a mitologia Dahomey Fon, a mitologia Odinari do povo Igbo e outras. A mitologia africana foi levada para as Américas pelos escravos africanos e passou a fazer parte das religiões afro-americanas. A mitologia banta transformou-se numa mitologia mestiça nas religiões afro-americanas, religiões afro-cubanas e religiosas afro-brasileiras. A mitologia Fon daomeana foi levada para as Américas e Caraíbas e deu origem às religiões do vodu haitiano no Haiti, na República Dominicana e em Cuba, ao Vodoo nos Estados Unidos e

---

<sup>131</sup> Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Religiões\\_tradicionais\\_africanas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Religiões_tradicionais_africanas). Consultado em Junho de 2016.

<sup>132</sup> Bewaji, J. A. I. (sem data) "Olodumare: God in Yoruba Velief and the Theistic Problem of Evil" African Studies Quarterly.

<sup>133</sup> Ehret, C. *As civilizações da África: uma História de 1800*, University Press of Virginia. 2002.

<sup>134</sup> Alan Kardec, pseudónimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, francês. Ficou célebre por ter criado o Espiritismo, também denominado de Doutrina Espírita. Foi um dos pioneiros na pesquisa científica sobre fenómenos paranormais, mais especificamente a mediunidade. Fonte. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan\\_Kardec](https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec). Consultado em Maio de 2016.

ao Candomblé Jeje, no Brasil. A religião africana da diáspora mais conhecida foi a religião dos orixás da mitologia Iorubá, que constituía a base de várias religiões, nomeadamente a santeria, o lukumi, regla de ocha, o candomblé queto, o xangô do nordeste, o batuque, o xambá, omolokô e outras. No entanto, todas essas variedades religiosas tinham um ritual em comum, o ritual aos inquices<sup>135</sup>, orixás e voduns, havendo, todavia, algumas diferenças na forma como o culto era realizado, nas cores das roupas, no fio de contas e nas línguas faladas durante as rezas e cânticos. As religiões afro-brasileiras e as religiões afro-cubanas têm vários aspectos comuns e manifestam vestígios das religiões africanas tradicionais que foram transportadas pelos escravos para as Américas do Norte e do Sul, tendo essas religiões da diáspora sofrido influências muito fortes das religiões tradicionais africanas. De acordo com Roberto Motta<sup>136</sup>, a religião foi definida como “*um relacionamento espiritual no qual o ser humano se encontra em posição de subordinação diante de um espírito, isto é, numa relação de dependência com relação a esse ser*”. Por essa razão, Roberto Motta conclui que a religião engloba sacrifícios, libações, presentes, orações e outras marcas de respeito. Foi notória a grande semelhança existente entre as religiões afro-cubanas e as religiões afro-brasileiras pelas marcas deixadas pelos escravos na primeira metade do século XIX, antes da abolição da escravatura. Como se sabe, as religiões africanas, brasileiras e cubanas e os respectivos cultos, ou seja as religiões Iorubá, a santería e o culto de Ifá, sempre tiveram uma nomenclatura variada em cada comunidade. Terá sido para manifestar a grandeza dessas religiões que Roberto Motta, ainda sobre este mesmo tema, tenha afirmado que Dianteill, Arthur Ramos<sup>137</sup> e Edison Carneiro<sup>138</sup> identificaram a existência de diferenças entre os cultos de origem Iorubá e de origem banto e a religião dos babalaos. Todos esses cultos influenciaram a obra de Roger Bastide<sup>139</sup> *O Candomblé da Baía*, reeditada em 2001 pela editora Companhia das

---

135 Inquices, termo usado para objectos, fetiches e estatuetas que contém espíritos chamados mpungo. São divindades de origem angolana, cultuadas no Brasil pelos candomblés das nações Angola e Congo. Fonte: <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Inquices>. Consultado em Junho de 2016.

136 Roberto Motta, Ph.D. Universidade Federal de Pernambuco – Recife Groupe de Sociologie des Religions et de la Laïcité, Paris.

137 Arthur Ramos. Contribuições no Candomblé da Baía e religiões africanas. Fonte : [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=375&Itemid=170](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=375&Itemid=170)

138 Edison Carneiro. Contribuições no Candomblé da Baía e religiões africanas. Fonte: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=375&Itemid=170](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=375&Itemid=170).

<sup>139</sup> Roger Bastide, Sociólogo francês. *O Candomblé da Bahia* foi uma de suas obras mais importantes. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger\\_Bastide](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger_Bastide). Consultado em Maio de 2016.

Letras. A religião banta, de acordo com Roberto Motta, era baseada no relacionamento entre os vivos e os mortos e tinha a particularidade de utilizar um objecto mediador, onde era colocado o espírito do morto. Esse objecto mediador era embebido em sangue de animais sacrificados para o efeito. O nome santería, culto dos santos, praticado em Cuba, teria surgido pela semelhança que os escravos negros encontraram entre os orixás africanos e certos santos e virgens católicos. Dianteill afirmaria que o termo santería<sup>140</sup> era pejorativo e aproximava-se da idolatria. Os primeiros investigadores afro-americanistas no Brasil e em Cuba aperceberam-se dessa aproximação feita pelos escravos e tentaram encontrar uma explicação. Para alguns autores, o culto dos santos, ou seja a santería, ter-se-ia organizado através das semelhanças formais entre os orixás e as entidades cristãs. Outros pesquisadores foram de opinião que a santería nada mais era do que uma ficção elaborada pelos escravos para ludibriarem os brancos e manterem as suas práticas e crenças africanas. Para além das religiões afro-cubanas ou santería, onde era notória a existência de um sincretismo religioso, do culto de Ifá, da religião dos babalaos e palo monte surgiu o espiritismo que Dianteill definiu da seguinte forma: religião de origem europeia, introduzida em Cuba na segunda metade do século XIX, baseada na comunicação com os espíritos dos mortos. Não tinha o culto de sacrifícios de animais e limitava-se a cantos, preces, ritos de purificação pela água e pelo perfume. Os espíritos que se manifestavam através dos médiuns eram espíritos de escravos negros e os fenómenos ligados às crenças desempenharam um papel muito importante no conhecimento das práticas religiosas africanas, americanas e cubanas. Nas palavras de Roberto Motta, fica-se a saber a importância que os búzios tiveram nas práticas de santería em Cuba, bem como em outras práticas religiosas no Brasil, utilizadas pelos pais-de-santo e que foram bem evidenciados por Dianteill<sup>141</sup>. Dianteill também focou a existência de um contraste de natureza mais sexual nas práticas e na ideologia dessas religiões, tendo apontado o caso de um grande número de mulheres e de homens homossexuais que frequentavam o candomblé de Salvador da Baía. Ruth Landes<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> Santería, designação muito comum em Cuba, era o culto popular dedicado aos santos e virgens em Espanha. Entrevista concedida em Maio de 2016 por Maritza Rosabal, cubana. Anexo IV, inserido nas páginas 9-13.

<sup>141</sup> Erwan Dianteill 1995 *The Scholar and the Santero - Birth of the study of Afro-Cuban religions (1906-1954)*. Paris, Editions L'Harmattan / Université Paris 8, Collection "Histoire des Antilles Hispaniques". Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Erwan\\_Dianteill](https://en.wikipedia.org/wiki/Erwan_Dianteill). Consultado em Maio de 2016.

<sup>142</sup> Ruth Landes, antropóloga social e cultura. Fonte: <http://jwa.org/encyclopedia/article/landes-ruth-schlossberg>. Consultado em Maio de 2016.

chegou mesmo a qualificar essa religião de “cidade das mulheres”<sup>143</sup>. No entanto, em Havana, as religiões afro-cubanas eram diferenciadas em função do sexo ou em função do género social: os homens heterossexuais eram majoritários no culto de Ifá e no palo monte; as mulheres e os homens homossexuais frequentavam em maior número a santería e o espiritismo; enquanto o culto ao Ifá era reservado aos homens heterossexuais, o que prova que o sexo determinava a frequência de uma prática religiosa ou de outra. Assim, conforme já foi evidenciado, um homem que praticava a santería ou o espiritismo corria o risco de ser conotado com os homossexuais, que não têm acesso ao culto de Ifá e ao do palo monte. Quem pertencesse ou praticasse o culto ao palo monte ou ao culto de Ifá era qualificado de heterossexual. Existia uma forte relação de interdependência entre a ordem divina e a ordem corporal. Pela mitologia e pelos oráculos, os orixás eram considerados responsáveis pela saúde e pela doença dos seus fiéis, por exercerem supremacia sobre as partes do corpo, tendo por isso sido responsabilizados pela saúde e pela doença. Pelas crenças existentes, os deuses Oiá, Ogum e Xangô eram responsáveis pela respiração, Iemanjá, Oxum e Oiá pelo ventre, Oxum e Obaluê pela pele e outros deuses teriam responsabilidade por outras partes do corpo. Havia também espaço para a feitiçaria, o candomblé, a macumba, as adivinhas com o auxílio dos búzios, a comunicação através de oráculos e os oduns de pais-de-santo. As religiões afro-cubanas, a santería e o culto de Ifá foram influenciadas pelo contacto que os escravos tiveram com a escrita, ou seja, com os documentos impressos, principalmente depois da abolição da escravatura, em 1886, em Cuba. No século XX, começaram a ser publicados trabalhos sobre a religião Iorubá e sobre o culto de Ifá, o que contribuiu para divulgar informações sobre as religiões africanas. Como cerca de 25% dos negros e mulatos cubanos já eram livres em meados do século XIX, puderam preservar as crenças e os ritos porque não eram controlados, o que não acontecia com os escravos negros norte-americanos que estavam no cativeiro. Na religião afro-cubana existiam ritos, ebós, trabalhos, iniciação, deuses, almas, mitos e outros. O espiritismo cubano apresentava muitos aspectos comuns com a Umbanda do Brasil ou com o Jurema do Nordeste. Segundo Gilberto Freyre, a religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro, sem haver barreiras: “A liberdade e a ostentação do escravo em festas públicas (...) forma e acessórios de sua mística, de sua cultura fetichista e totêmica, evidenciavam o processo

---

143 Ruth Landes. *City of Women (Cidade ds Mulheres)*. 1974. A obra estabelece uma valiosa relação entre a vida popular e da estrutura de classes e de géneros na Baía, Brasil. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth\\_Landes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth_Landes).

de aproximação das duas culturas no Brasil”. Dentre as várias religiões praticadas em África e no Brasil, salienta-se o candomblé, que apesar de ter sido considerada uma religião monoteísta, fazia o culto a muitos deuses. Todas as suas manifestações estão imbuídas de aspectos que remontam aos antepassados dos povos praticantes dessa modalidade religiosa, nomeadamente os hábitos, os costumes, a postura e o movimento corporal, a prática religiosa em si, as vestes, a ornamentação do espaço, a linguagem utilizada, enfim todo um manancial de sentimentos, práticas e costumes que apontavam para uma vivência cultural bem cimentada e alicerçada no passado. Os cultos, os rituais e os toques nos vários terreiros eram diferentes, mas tinham aspectos comuns porque acreditavam na vida após a morte e na materialização dos espíritos. O sincretismo religioso sempre acompanhou os escravos e, segundo alguns estudiosos da matéria, este sincretismo já tinha sido utilizado anteriormente em África pelos missionários cristãos para facilitar a conversão dos escravos. Sabe-se que o candomblé apropriou-se de várias práticas e elementos do cristianismo, nomeadamente imagens e crucifixos presentes nos templos, orixás identificados com santos católicos e outros. Por essa razão, os praticantes do candomblé foram perseguidos pelas autoridades e pela Igreja Católica porque eram confundidos com o paganismo e a bruxaria. Actualmente, muitas casas que praticam o candomblé estão a pôr de parte o sincretismo religioso e a recriar um candomblé mais ligado à origem africana. Roger Bastide foi um dos estudiosos do candomblé e analisou todos os ritos utilizados, incluindo os cânticos, as danças, o transe e outras manifestações presentes na religião afro-brasileira. Segundo Roger Bastide<sup>144</sup>, *“o candomblé possui uma filosofia do universo e uma concepção sofisticada do homem e do cosmo e que deve ser estudada como uma realidade autónoma, desligada da origem africana deste ou daquele traço e do possível sincretismo deles com os da civilização luso-brasileira”*.

---

144 Roger Bastide, *O Candomblé da Bahia*, 1958.

## 2.6. Actuação do Mapa Cor-de-Rosa na francofonia em solo africano

O Mapa Cor-de-Rosa<sup>145</sup> foi publicado em 1887 pela Sociedade de Geografia de Lisboa, e tinha por objectivo provar a pretensão da soberania de Portugal nos territórios conquistados de Angola e Moçambique. Segundo John Michael Francis, a paternidade do Mapa Cor-de-Rosa foi atribuída ao Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Henrique de Barros Gomes<sup>146</sup>, que nunca a confirmou, aliás sempre a negou, embora tivesse tido uma grande intervenção para provar que os territórios pretendidos por Portugal tinham tido uma ocupação efectiva. O Mapa Cor-de-Rosa estaria então em oposição com os interesses manifestados pelo Reino Unido de ligar o Cairo ao Cabo, ou seja, ligar o Egipto à África do Sul. Segundo Charles Nowell<sup>147</sup>, Portugal, com a instituição do Mapa Cor-de-Rosa, estaria a tentar construir um império Africano que se estenderia a partir do Atlântico ao Oceano Índico. Por esse motivo e pelas disputas surgidas entre os dois países, a Grã-Bretanha apresentou um ultimato a Portugal em 1890, que foi aceite, embora Portugal soubesse de antemão as repercussões que essa atitude acarretaria para o país. Segundo BOXER, a verdadeira ocupação do continente africano teve o seu início no princípio do século XIV, altura em que os portugueses descobriram e ocuparam as Ilhas Canárias. No princípio do século XV, os europeus iniciaram uma ocupação territorial na zona costeira africana, bem como a exploração económica e o domínio político do continente africano, que se estendeu até metade do século XX. Ainda segundo BOXER, os portugueses construíram feitorias, portos e enclaves no litoral africano, na primeira metade do século XV. A África Negra estava representada apenas por dois centros importantes, Moçambique e El Mina, ambas feitorias de comércio e de tráfico negreiro. O Mapa de África indicava na parte superior as cidades de Tânger, Ceuta, Alger, Tunis, Alexandria, Alcácer, Canárias, Moçambique e Forte de El Mina. Todas essas cidades eram costeiras, o que prova que a Europa tinha apenas uma soberania costeira no século XV. Nos meados do século XVI, os portugueses foram expulsos das melhores zonas costeiras para o comércio de escravos

---

<sup>145</sup> O nome "Mapa Cor-de-rosa" foi atribuído por estarem pintados de cor rosa os territórios em disputa. Ver a versão original do Mapa Cor-de-Rosa, Anexo XX na página 48 dos Anexos Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa\\_Cor-de-Rosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa_Cor-de-Rosa). Consultado em Maio de 2016.

<sup>146</sup> John Michael Francis, "Iberia and the Americas: culture, politics, and history: a multidisciplinary encyclopedia, Volume 1, Transatlantic relations series", p.38, ABC-CLIO, 2006.

<sup>147</sup> Charles Nowell, Professor of History, University of Illinois at Urbana-Champaign. Author of *The Great Discoveries and the First Colonial Empires* and others. Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1982.

por alemães, franceses e ingleses que se assenhorearam desse comércio.. No final do século XVIII e meados do século XIX, os ingleses, através do seu poderio naval e económico, assumiram a liderança da colonização africana, criaram novas colónias na zona costeira e implantaram um sistema administrativo que foi centralizado pelos representantes da Coroa Inglesa. Nas palavras de Wilson e Thompson<sup>148</sup> os holandeses fixaram-se no litoral do Transval em 1652, desenvolveram uma nova cultura e criaram a comunidade africâner ou bôer. No entanto, o Reino Unido conquistou a região ocupada pelos bôeres. A intenção desses europeus era dar continuidade ao tráfico de escravos. As tribos e etnias africanas foram divididas e enviadas para as Américas, o que causou uma grande desorganização na vida económica e social dos africanos, para além de grandes perdas provocadas pela morte de uma grande parte desses africanos durante as viagens realizadas em condições desumanas.

Após a criação da Sociedade de Geografia de Lisboa e segundo Alexandre Valentim<sup>149</sup>, foi criada a Comissão Nacional Portuguesa de Exploração e Civilização da África, mais conhecida por Comissão de África. Essa comissão tinha por função despertar a opinião pública para as questões do Ultramar, preparar as primeiras grandes expedições de exploração científico-geográfica e contribuir para a definição de uma política colonial portuguesa em África. A ambição dos europeus de conquistar o interior de África motivou a realização de expedições para o interior do continente, ou seja, o estabelecimento de relações com o Congo e o Zaire, e a comparação da bacia hidrográfica deste rio com a do Zambeze. Estaria assim concluída a carta da África centro-austral, o famoso Mapa Cor-de-Rosa. Surgiram tensões e rivalidades, provocando instabilidade política entre as grandes potências europeias por causa da disputa dos territórios. Portugal viu-se obrigado, no final do século XIX, a definir uma nova política africana para fugir à ameaça dos ingleses, franceses e alemães que pretendiam assenhorear-se de Angola e Moçambique, territórios que eram de interesse dos ingleses. Na década de 1870, Portugal preparou novos planos para promover a exploração do interior da África. Em 1877, João de Andrade Corvo<sup>150</sup> lançou iniciativas

---

<sup>148</sup> Wilson and Thompson in Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Brasil, 1969, p 6. Consultado em Maio de 2016.

<sup>149</sup> Alexandre Valentim in Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Brasil, 1979, p 6. Consultado em Maio de 2016.

<sup>150</sup> João de Andrade Corvo foi Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal no Governo de Fontes Pereira de Melo, no período de 13 de Setembro de 1871 a 29 de Janeiro de 1878. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_de\\_Andrade\\_Corvo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Andrade_Corvo). Consultado em Maio de 2016.

de exploração da zona que ficava entre as colónias de Angola e Moçambique, que culminaram com as expedições de Hermenegildo Capelo<sup>151</sup>, Roberto Ivens<sup>152</sup> e Serpa Pinto<sup>153</sup> para conter as intenções expansionistas dos britânicos, organizou uma subscrição para manter zonas de influência portuguesa no interior do continente. Essa zona foi definida num Mapa que mostrava uma ampla faixa que ligava Angola a Moçambique. Estava assim definido o espírito do Mapa Cor-de-Rosa. Em 1884, as reivindicações portuguesas sobre o controlo da foz do rio Congo provocaram o aumento dos conflitos com as potências europeias rivais. Foi então convocada a Conferência de Berlim realizada nos anos de 1884 e 1885, que procurou resolver os muitos conflitos existentes e fixar as zonas de influência de cada potência europeia em África. A Conferência de Berlim não foi vantajosa para Portugal, que perdeu o direito histórico como critério de ocupação do território e foi obrigado a aceitar o princípio da livre navegação dos rios do Zambeze e do Rovuma, territórios portugueses. Além disso, Portugal perdeu o controlo da foz do Congo, ficando apenas com o pequeno enclave de Cabinda. Após a Conferência de Berlim, a França e a Alemanha iniciaram negociações, em 1885, para delimitar as fronteiras dos territórios portugueses. Os tratados, assinados com a França em 1886 e com a Alemanha em 1887, incluíam em anexo o Mapa Cor-de-Rosa, que continha a versão oficial das pretensões dos territórios portugueses. Como a Alemanha e a França não tinham pretensões nos territórios indicados pelos portugueses, a Grã-Bretanha reagiu contra a pretensão de Portugal e informou que os contratos assinados com a França e com a Alemanha sobre o Mapa Cor-de-Rosa não eram válidos, porque essas duas potências europeias nunca tinham tido interesses nessa região. Embora a França tivesse participado na definição dos limites do Mapa Cor-de-Rosa, não pretendeu obter nenhum dos territórios delimitados. Por essa razão, a francofonia não tem presença nesse espaço africano que foi dominado pela anglofonia e lusofonia nos territórios de Angola e Moçambique. Os britânicos pretendiam implementar o projecto inglês de criar uma linha férrea que atravessaria todo o continente africano de norte a sul, ligando o Cairo à Cidade do Cabo, uma pretensão

---

151 Hermenegildo Capelo, português, oficial da Marinha portuguesa e explorador do continente africano durante o último quartel do século. Participou com Roberto Ivens na célebre travessia entre Angola e a costa do Índico. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermenegildo\\_Capelo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermenegildo_Capelo). Consultado em Maio de 2016.

152 Roberto Ivens, português. Foi administrador colonial e explorador do continente africano. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Ivens](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Ivens). Consultado em Maio de 2016.

153 Alexandre Alberto da Rocha de Serpa Pinto, explorador e administrador colonial português. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre\\_de\\_Serpa\\_Pinto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre_de_Serpa_Pinto). Consultado em Maio de 2016.

antiga à qual Portugal sempre se opôs e que foi razão dos conflitos entre as duas potências colonizadoras. Esse projecto não foi concretizado pelos constrangimentos relativos à sua dimensão, ao tipo de clima existente e à geografia da região. Um outro constrangimento surgido foi o Incidente de Fachoda<sup>154</sup>, ocorrido em 1898 e 1899 entre a França e a Inglaterra. O governo português, que precisava do acordo britânico para a delimitação de fronteiras, resolveu atrasar a negociação e informar que as suas pretensões referiam-se ao "Mapa Cor-de-Rosa", um documento amplamente divulgado e objecto de grandes paixões patrióticas. Henrique de Barros Gomes<sup>155</sup> foi responsável pela política colonial da época, organizou várias expedições portuguesas para as zonas em disputa e assinou vários tratados de vassalagem com os povos da região africana. O plano foi denunciado e os ingleses deram o referido ultimato a Portugal, recusando as suas pretensões sobre o "Mapa Cor-de-Rosa". Portugal cedeu à Grã-Bretanha o norte do Transvaal, no país dos Matabeles, ficando apenas com o sul do lago Niassa e o planalto de Manica, retirou à Inglaterra o controlo do caminho-de-ferro de Lourenço Marques, e expropriou em meados de 1889, a companhia inglesa que o controlava. Por ter considerado injusta e injustificável a expropriação do caminho-de-ferro, a Grã-Bretanha, apoiada pelos Estados Unidos, apresentou uma reclamação e solicitou uma arbitragem internacional, que Portugal recusou. O resultado foi o ultimato britânico de 11 de Janeiro de 1890, que exigiu a retirada de Portugal de toda a zona disputada, sob pena de serem cortadas as relações diplomáticas. Portugal viu-se isolado, apresentou protestos, mas foi obrigado a fazer cedências e a recuar. E assim terminou o projecto do Mapa Cor-de-Rosa, tendo deixado um legado de humilhação nacional e frustração no *Finis Patriae* de Guerra Junqueiro<sup>156</sup>, que marcaria Portugal durante muitas décadas. A delimitação das fronteiras entre Moçambique e Angola foi estabelecida quatro anos depois da Conferência de Berlim, devido ao litígio entre Portugal e Inglaterra na disputa da região do Mapa Cor-de-Rosa. O conflito com a Inglaterra terminou. O domínio português em África, iniciado em 1888, terminou com a declaração das independências em 1974 da Guiné-Bissau e Cabo Verde e, em 1975, de São Tomé e Príncipe, Angola e

---

154 Incidente de Fachoda ou Crise de Fachoda foi um episódio ocorrido entre 1898 e 1899, quando a França e o reino Unido decidiram construir ferrovias para estabelecer uma ligação entre as suas colónias africanas. O confronto ocorreu na cidade de Fachoda, actualmente Sudão do Sul, cidade que ficava situada na intersecção das linhas férreas. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Incidente\\_de\\_Fachoda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Incidente_de_Fachoda). Consultado em Maio de 2016.

155 Henrique de Barros Gomes. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique\\_de\\_B Barros\\_Gomes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_de_B Barros_Gomes). Consultado em Maio de 2016.

156 Abílio Manuel Guerra Junqueiro Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Junqueiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Junqueiro). Consultado em Maio de 2016.

Moçambique. A pretensão de Portugal sobre o Mapa Cor-de-Rosa foi frustrada porque não conseguiu convencer a Inglaterra que as regiões indicadas no Mapa Cor-de-Rosa tinham sido conquistadas e que nelas havia presença portuguesa. A presença de Portugal e das restantes potências europeias em África teve um início e um fim, para descontentamento de uns, humilhação de outros e a certeza dos africanos de que possuem um continente rico, um povo e uma história a engrandecer e a preservar.

### **Capítulo III – Multilinguismo e Multiculturalismo na África Ocidental**

### 3.1. Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração

A questão principal que originou o tema foi conhecer o peso da língua e da cultura no processo de integração da África Ocidental, bem como saber que importância os negociadores atribuíram a esses dois conceitos. Pretendeu-se também com este trabalho explorar alguns dos aspectos fundamentais sobre a língua e a cultura, os quais proporcionariam uma compreensão mais abrangente da importância do Multilinguismo e do Multiculturalismo numa organização como a CEDEAO. Os países que fazem parte da África Ocidental têm várias línguas e culturas, diferentes umas das outras, as quais constituiriam um grande constrangimento ao processo de integração. A barreira linguística enfrentada contribuiu para o estabelecimento de três línguas oficiais que facilitarão a comunicação entre os vários Estados-Membros. Assim, entende-se que a língua e a cultura desempenharam um papel preponderante na negociação desse processo de integração. As asserções proferidas por Abdou Diouf,<sup>157</sup> Ex-Presidente do Senegal e Ban Ky Moon<sup>158</sup>, Secretário-Geral das Nações Unidas, evidenciaram a importância do multilinguismo num ambiente multicultural e o papel que deve ser atribuído às línguas e às culturas. Língua e cultura, como facilitadores da comunicação, foram utilizadas através do recurso a Intérpretes e Tradutores, num processo contínuo que englobou os 15 países da África Ocidental. Para Claude Hagège<sup>159</sup>, língua e cultura são indissociáveis, sendo que uma procede da outra. Claude Hagège, diz ainda que agir sobre as línguas significa agir sobre «as próprias culturas». A abordagem sobre o

Multilinguismo e o Multiculturalismo em África Ocidental requer menção, mesmo que de forma muito breve, a alguns conceitos relacionados, nomeadamente a alteridade<sup>160</sup>, a

---

157 A nossa acção inscreve-se numa estratégia que abrange todas as línguas, a do plurilinguismo como ferramenta de democratização das relações internacionais. De facto, qualquer limitação em termos de paridade das línguas oficiais e de trabalho nos organismos internacionais impedirá a qualidade do diálogo e da cooperação, que estão na base do multilateralismo exaltado pela francofonia. Abdou Diouf, Secretário-Geral da francofonia, 2008. Fonte: <http://www.francophonie.org/IMG/pdf/portugais.pdf>. Consultado em Setembro de 2016.

158 Factor essencial de uma comunicação harmoniosa entre os povos, o multilinguismo reveste-se de uma importância muito particular... Ao favorecer a tolerância, assegura também uma participação efectiva e acrescida de todos no processo de trabalho da Organização, bem como uma maior eficácia, melhores resultados e um maior envolvimento. O multilinguismo deve ser preservado e encorajado por meio de diferentes acções... num espírito de partilha e de comunicação. Relatório do Secretário-Geral, Ban Ki Moon, sobre o multilinguismo, 2007. Fonte: <http://www.francophonie.org/IMG/pdf/portugais.pdf>. Consultado em Setembro de 2016.

159 Claude Hagège, linguista francês. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Claude\\_Hag%C3%A8ge](https://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Hag%C3%A8ge) Consultado em Setembro de 2016.

160 Revista *HISTEDBR* On-line, Campinas, n.19, p.89 -100, set. 2005 - ISSN: 1676-2584 90. Fonte: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06\\_19.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06_19.pdf). Consultado em Setembro de 2016.

identidade, o pluralismo cultural, associados ao multilinguismo<sup>161</sup>. Essa abordagem levará em conta a grande variedade étnica e multicultural existente na África Ocidental, dada a dimensão territorial e cultural dos 15 países que a constituem.

Sobre a alteridade, termo que deriva da palavra latina *alteritas*, importa dizer que é um dos princípios fundamentais que se verifica na relação de interação e dependência de um homem com o outro, em sociedade, tendo em conta que o “eu”, em sua forma individual, só tem razão de existir se estabelecer contacto com o “outro”, ou com a sociedade onde está inserido. Pode-se afirmar então que a alteridade é o estudo das diferenças e o estudo do outro, dois aspectos que são interdependentes, ou seja, existindo o indivíduo terá necessariamente de existir um colectivo, integrado numa sociedade. Pelo conceito da alteridade, uma cultura só pode existir se preservar a outra cultura com a qual entra em contacto. Se a destruir, ela própria não faria sentido em existir, pois que deixaria de haver a possibilidade de um ser se colocar no lugar do outro. Assim a alteridade é necessária numa sociedade, onde é importante reconhecer-se a diversidade que propiciaria o processo de um ser “ver-se e ver ao outro”<sup>162</sup>.

Relativamente à identidade é importante referir a relação existente entre a identidade e a cultura. De acordo com Boaventura Sousa Santos, as identidades culturais não são rígidas nem imutáveis porque resultam de processos de identificação em transformação contínua. Boaventura Sousa Santos diz ainda que " identidades são, pois, identificações em curso". Pelas palavras de Stuart Hall<sup>163</sup>, o termo identidade implica alterações nos quadros de referência social, tendo em conta que as “velhas identidades” darão lugar a outras identidades que subdividem o indivíduo moderno em várias partes, deixando esse indivíduo de ser um “sujeito unificado”.

As várias culturas existentes na África Ocidental pressupõem a existência de uma diversidade étnica, o que aponta para o multicultural<sup>164</sup>. Por isso, importa salientar que o

---

<sup>161</sup> PLURALISMO CULTURAL E MULTICULTURALISMO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESPAÇOS PARA DISCUSSÕES ÉTNICAS DE ALTERIDADE, Souza, Maria Elena Viana, Doutora em Educação. Fonte: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06\\_19.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06_19.pdf). Consultado em Setembro de 2016.

<sup>162</sup> Fonte: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06\\_19.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06_19.pdf). Consultado em Setembro de 2016.

<sup>163</sup> Stuart Hall Foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano. Hall foi um dos fundadores da escola de pensamento que hoje é conhecida como Estudos Culturais Britânicos ou a escola Birmingham dos Estudos Culturais. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Stuart\\_Hall](https://pt.wikipedia.org/wiki/Stuart_Hall). Consultado em Setembro de 2016.

<sup>164</sup> Fonte: Revista HISTEDBR On-line Artigo Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.19, p.89 -100, set. 2005 - ISSN: 1676-2584 90. Consultado em Setembro de 2016.

pluralismo cultural está relacionado com o conceito de alteridade, razão pela qual a referência a um apela à referência do outro.

O processo de integração na África Ocidental, que teve como principais objectivos as vertentes económicas e políticas, terá surgido no seguimento do processo de integração da África no seu todo. Segundo Manuel Ennes Ferreira<sup>165</sup>, desde os primórdios das independências dos países africanos, de 1958 a 1960 os líderes políticos consideraram que a cooperação e a integração regionais seriam importantes não só para se atingir o desenvolvimento económico nacional do continente africano, mas também para por termo à forte dependência do comércio externo. Sobre o processo de integração, Balassa faz uma referência à integração económica e a define como "a abolição da discriminação numa área". Para Kahnert a integração económica é o " processo de acabar progressivamente com as discriminações que ocorrem nas fronteiras nacionais". Para Manuel Ennes Ferreira, existem vários níveis de integração, os quais têm em comum a eliminação da discriminação entre os seus membros num maior número de domínios.

Segundo Edward Marinov<sup>166</sup>, uma das principais contribuições de Balassa reside na forma como definiu a integração e nas diferenças que identificou entre a integração e a cooperação. Diz ainda Edward Marinov que Balassa definiu a integração como uma restrição de discriminação e afirmou que a cooperação apenas reduz os seus efeitos negativos. O processo de integração na África Ocidental consentiu a imigração nos quinze países e propiciou a grande circulação de pessoas e produtos, o que tem provocado o encontro de vários povos e originado grande competitividade nos mercados nacionais. De acordo com Gonçalves e Silva<sup>167</sup>, o multiculturalismo, "sem uma agenda política de transformação pode ser apenas outra forma de acomodação a uma ordem social maior". Por isso, propõe o multiculturalismo crítico que "compreende a representação de raça, classe e género como o resultado de lutas sociais... Diversidade como afirmação de crítica e compromisso com a justiça social".

---

<sup>165</sup> Ferreira, Manuel Ennes. *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, 2005. Páginas 69-71.

<sup>166</sup> Marinov, Edward (2015). *Economic Determinants of Regional Integration in Developing Counties*. *International Journal of Business and Management*, Vol. III (3), pp. 22-39. Fonte: <http://www.iises.net/international-journal-ofbusiness-management/publication-detail-164>. Consultado em Setembro de 2016.

<sup>167</sup> Fonte: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15741999000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000200011). Consultado em Setembro de 2016.

Na constituição dos Estados, a diversidade cultural e linguística conduziu ao estabelecimento das línguas oficiais, proporcionando a existência e a prática do multilinguismo e do multiculturalismo no seio da CEDEAO. As três línguas estabelecidas, o francês, o inglês e o português, foram consideradas factores de democratização por terem permitido o estabelecimento de relações entre estados, bem como relações internacionais, e por terem assegurado o respeito pelo estatuto das línguas de trabalho, ou seja, o estatuto das línguas oficiais. Segundo um Tradutor<sup>168</sup>, *“Pela diversidade das línguas nativas é fundamental o estabelecimento das três línguas oficiais para evitar dificuldades na compreensão por parte da maioria”*. Ainda na opinião de um outro Tradutor<sup>169</sup> sobre as três línguas oficiais estabelecidas pela CEDEAO: *“Existe a primazia do inglês e do francês. A Nigéria é o país que mais contribui para a taxa comunitária e que se impõe nas negociações, nomeadamente nas do TEC, com uma postura inflexível”*.

Diz ainda outro Tradutor<sup>170</sup>: *“para a integração económica e política é fundamental que os países envolvidos se comuniquem nas línguas dominadas pela maioria. A prova disso é que a integração tem evoluído de uma forma muito positiva”*.

A diversidade cultural também tem desempenhado um papel importante nesse contexto Multilingual. A 3.<sup>a</sup> Conferência Ministerial da francofonia sobre a cultura, realizada em Junho de 2001, em Cotonou, propôs a criação de um instrumento jurídico internacional que salientou a importância da diversidade cultural e a necessidade de promover e proteger as indústrias culturais. Esta questão também foi tratada na 10.<sup>a</sup> Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, realizada em Ouagadougou, em Novembro de 2004. A 10.<sup>a</sup> Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo da francofonia, realizada em Setembro de 2006, em Bucareste, adoptou o Vademécum<sup>171</sup> que incidiu sobre a utilização da língua francesa nas organizações internacionais e criou as condições para favorecer o multilinguismo e o respeito pelo estatuto das línguas oficiais e de trabalho, no âmbito das organizações internacionais.

Na Organização Regional da CEDEAO, os desafios ligados à implementação do multilinguismo foram consideráveis no que tange às línguas de comunicação, pois as línguas garantem igualdade de acesso à informação e à comunicação. O multilinguismo

---

<sup>168</sup> Em Inquérito Anónimo realizado em Julho de 2016.

<sup>169</sup> Em Inquérito Anónimo realizado em Julho de 2016.

<sup>170</sup> Em Inquérito Anónimo realizado em Julho de 2016.

<sup>171</sup> Fonte: <http://www.francophonie.org/IMG/pdf/portugais.pdf>. Consultado em Setembro de 2016.

favoreceu a equidade nos países constituintes, pois cada país membro tem os mesmos direitos e os mesmos deveres. O acesso à informação e à facilidade de comunicação, quer escrita, através da tradução de documentos, quer oral, através de interpretação simultânea ou consecutiva, tem sido facilitado nas línguas oficiais para garantir uma comunicação dinâmica entre os cidadãos e a participação de todos os elementos. Segundo o Relatório do Secretário-Geral, Ban Ki Moon, sobre o multilinguismo, 2007:

*“o multilinguismo deve ser preservado e encorajado por meio de diferentes ações... num espírito de partilha e de comunicação”.*

Os Departamentos de Línguas das Organizações Regionais da CEDEAO têm desempenhado um papel importante na contratação de pessoal competente, nomeadamente Tradutores, Intérpretes, Revisores e outros, para poderem garantir que a comunicação flua em ambos os sentidos. O acesso à informação e à documentação de qualidade nas línguas oficiais e de trabalho é fundamental e tem favorecido uma comunicação entre todos os elementos. É importante que a comunicação seja feita nas línguas oficiais e que seja dada a possibilidade ao orador de se expressar na sua própria língua, ou na língua em que se expressa melhor, tendo em conta o regime linguístico vigente na organização. Se a língua oficial escolhida coincidir com a língua materna do orador, a comunicação estará facilitada pois esse orador terá a capacidade de se expressar, de expor os seus pontos de vista e interesses da melhor forma. De acordo com a opinião de outro Tradutor<sup>172</sup>: *“Falar, escrever, compreender ou assimilar e dominar a língua de um país constituem elementos fundamentais para a integração de qualquer indivíduo naquele país. Aliás, muitos países europeus exigem agora o conhecimento da sua língua oficial aos potenciais migrantes, o que faz também parte da imigração inteligente. No contexto da CEDEAO, este exercício faz muito sentido na medida em que as três comunidades falando, escrevendo e compreendendo as diferentes línguas seria mais de que uma valia para uma integração nos aspectos económicos e políticos e porque não sociais e culturais?”.*

Quando a língua de comunicação utilizada não for nem língua materna nem uma língua que o participante domina melhor, pode haver dificuldade de compreensão e perda de informação. Para evitar que situações do género aconteçam, os Departamentos Linguísticos da CEDEAO têm uma carteira de Tradutores e Intérpretes em regime de permanentes e de freelancer, que intervêm sempre que necessário. Para além da língua

---

<sup>172</sup> Em Inquérito Anónimo realizado em Julho de 2016.

materna, tem sido exigência da CEDEAO que os funcionários dominem mais do que uma língua, para poderem ter a capacidade de corresponder às exigências da organização, o que tem proporcionado um equilíbrio dinâmico entre as línguas oficiais e de trabalho das organizações.<sup>173</sup> A tradução, a revisão e a interpretação devem assegurar a eficácia dos debates, pois a boa qualidade dos trabalhos é de extrema importância para o sucesso das conferências. Todos os documentos devem ser traduzidos para as línguas oficiais e devem ser distribuídos em tempo útil para facilitar a sua leitura e análise antes das reuniões. Na impossibilidade de os documentos serem distribuídos antes, os delegados devem contactar o coordenador linguístico e solicitar o envio dos mesmos ou o adiamento da reunião. Tem havido casos em que os documentos não ficaram prontos antes das reuniões e a CEDEAO agiu no sentido de proporcionar essa documentação aos participantes no mais curto espaço de tempo.

Segundo várias opiniões, a CEDEAO tem tido a preocupação de capacitar a organização com pessoal competente, para poder corresponder às exigências dos seus Estados-Membros. Os Departamentos Linguísticos, na mesma linha, têm facilitado todo o processo de comunicação nas várias instâncias da CEDEAO. Tem existido por parte da CEDEAO uma preocupação com o multilinguismo e o multiculturalismo, embora de forma subtil. A comunicação é feita, ela flui no sentido de se tratar outras questões relativas ao processo de integração, nomeadamente a eliminação de barreiras, a vários níveis, entre os Estados-Membros. A criação e o alargamento dos mercados, que propiciam livre circulação de pessoas, bens e produtos, apontam para o estabelecimento de um Mercado Comum. Na isenção de barreiras alfandegárias, o objectivo último é haver uma União Aduaneira. A língua e a cultura, importantes em si, dominam todo este processo, embora de forma subtil. O Multilinguismo e o Multiculturalismo existem no seio da CEDEAO e são um facto inquestionável para o avanço do Processo de Integração na África Ocidental.

---

<sup>173</sup> Fonte: <http://www.francophonie.org/IMG/pdf/portugais.pdf>. Consultado em Setembro de 2016.

### **3.2. Papel do Tradutor e do Intérprete na CEDEAO**

O papel desempenhado pelos tradutores e intérpretes num ambiente Multilingual e multicultural foi sempre muito importante ao nível mundial, sobretudo após o surgimento da globalização, que propiciou o alargamento da comunicação entre os países e os povos. Aconteceu o mesmo com a África Ocidental e não podia ser de outra forma. Aqui também o contacto alargado entre países e povos foi facilitado pelo papel desempenhado pelos tradutores e pelos intérpretes. Na óptica dos tradutores e dos intérpretes, desde que povos de diferentes línguas e culturas estejam em contacto, há a necessidade de haver interlocutores e esses interlocutores são e têm sido os tradutores e os intérpretes. Mas a facilitação da comunicação não surge do nada, há necessidade de uma formação específica e essa formação específica é procurada e custeada quer pelas pessoas que pretendem desempenhar essas funções quer pelos países que pretendem formar os seus próprios Recursos Humanos, no sentido de colmatarem as lacunas em termos de pessoal qualificado. Por isso, ao longo dos tempos, várias escolas foram criadas especificamente para formar este tipo de profissionais, que têm dado a sua colaboração nas mais variadas áreas do saber, nomeadamente nas ciências sociais e humanas, nas áreas técnico-científicas, nas áreas de jurisprudência e outras. A comunicação tem sido o ponto fulcral em todas essas áreas e tem sido através dela que o papel desempenhado pelo tradutor e pelo intérprete se tem evidenciado. Após a independência dos países Africanos, foi notória a necessidade de alargamento do contacto com outros povos africanos, europeus, americanos e asiáticos. Entre africanos por razões óbvias da vontade de se conhecer o continente africano no seu todo, bem como para o início e alargamento do estabelecimento de relações. Com os povos europeus, americanos e asiáticos pela necessidade do estabelecimento de acordos a vários níveis que pudessem contribuir para o desenvolvimento económico de África e sua protecção, defesa e segurança. Ao nível de África, foram criadas organizações que reúnem os países africanos de acordo com a sua proximidade e interesses comuns, como no caso da OUA inicialmente, actualmente UA, CEDEAO, COMESA, BDA, ECA, NEPAD, SADC, UEMOA, WACIP e outras. A nível internacional, o estabelecimento de relações através da inserção em organizações criadas para o efeito. Tal é o caso da ligação através de parcerias com a ONU, a CEE, a OMC, a OMS, a OIT e outras. Em todas essas organizações africanas, europeias, americanas e asiáticas, a intervenção dos tradutores e intérpretes tem sido sempre presente e profícua na facilitação da

comunicação. É opinião de vários tradutores e intérpretes que sem a sua intervenção, onde ela é necessária, a comunicação não passa, ou seja a comunicação não existe. Com base em todas as asserções enunciadas, conclui-se que a profissão do tradutor e do intérprete é fundamental para o sucesso do estabelecimento de uma boa comunicação na CEDEAO.

## **Capítulo IV – Conclusão**

Partindo dos objectivos traçados, das etapas decorrentes desses mesmos objectivos e do confronto com várias opiniões expressas ao longo do trabalho de pesquisa, concluiu-se que a língua e a cultura foram levadas em consideração no processo de Integração da África Ocidental, não como um mero trampolim para se chegar ao Processo de Integração, mas como conceitos importantes e imprescindíveis em todas as suas etapas e valências para a facilitação da comunicação no ambiente Multilingual e multicultural da CEDEAO. Sem o recurso às línguas e às culturas dos povos e países que constituem a CEDEAO não teria sido possível dar-se início a este processo. Foi através do confronto com essa variedade linguística e cultural que se chegou à conclusão da necessidade do estabelecimento das três línguas oficiais para a comunicação entre esses povos, pois de contrário seria impossível. Para sustentar esta afirmação transcreve-se uma frase proferida por uma intérprete durante a entrevista que concedeu: *“A escolha das três línguas não foi por acaso porque a CEDEAO é constituída por quinze países, a grande maioria francófonos, alguns anglófonos e dois lusófonos. É por esta razão que escolheram estas três línguas oficiais”*, e a intérprete afirmou ainda que: *“Acho que a escolha das três línguas oficiais tem uma certa lógica.”* Apenas como lembrança, chamamos a atenção para o facto de que a Nigéria, um dos países da África Ocidental, ter 523 línguas nativas, umas poucas em comum com outros países da África Ocidental, o que de maneira alguma serviria para facilitar a comunicação, tendo em conta que essas línguas não eram e não são dominadas pela maioria da população desses países. Sabe-se também que nenhum desses países aceitaria a escolha de uma língua de um país em detrimento de outra língua de outro país, pois que os povos são ciosos dos elementos que os unem e os identificam como um povo. E a língua é um desses elementos. Para provar essa constatação transcreve-se a afirmação feita por um funcionário superior da CEDEAO durante a entrevista concedida: *“It will be very difficult to choose a language, which language, at least these languages that we have are all foreign. If not, we could adopt one, but as they are all foreign, which one should we adopt over the other? So it is very difficult”*.

Feitas as entrevistas definidas e a recolha de informações junto de várias pessoas com conhecimento na matéria, pôde-se constatar que, embora não existam referências explícitas sobre o papel desenvolvido pela língua e pela cultura no Processo de Integração de África Ocidental, tanto a língua quanto a cultura foram levadas em

consideração pois que durante todo o processo as vertentes linguísticas e culturais estiveram sempre presentes. Este processo de integração que ainda não está concluído, tem passado por várias etapas precisamente porque as três línguas estabelecidas têm desempenhado um papel fundamental na compreensão e passagem de informações pertinentes para as etapas das negociações definidas. Numa entrevista concedida por um tradutor e que se transcreve a seguir, pode-se confirmar a afirmação feita acima: “*No contexto da CEDEAO, este exercício faz muito sentido na medida em que as três comunidades falando, escrevendo e compreendendo as diferentes línguas seria mais de que uma valia para uma integração nos aspectos económicos e políticos e porque não sociais e culturais?*”, esse tradutor afirmou ainda que: “*as três línguas oficiais retidas naturalmente facilitam o processo de compreensão dos conteúdos das actividades. São línguas da época colonial, mas fica um mal necessário, direi mesmo um corta-mato*”.

No que diz respeito à facilitação da comunicação, em primeira instância, o Departamento de Línguas da CEDEAO, ou seja a *Language Division*, tem desempenhado, segundo alguns inquiridos, um papel fundamental na identificação da necessidade e contratação de pessoal competente, nomeadamente tradutores, intérpretes, revisores, linguistas e outros, quer em regime de permanentes quer em regime de freelancer, os quais têm contribuído para que as negociações sobre o Processo de Integração da CEDEAO e em outras matérias estejam a ser conduzidas na perspectiva de se atingir o objectivo traçado, aquando da constatação dessa necessidade. Para outros, esse Departamento de Línguas funciona de forma deficiente pois que devia ser mais interventivo, mais dinâmico e ser mais claro nas suas tomadas de decisões pois muitas vezes não se entende muito bem o papel que esse Departamento desempenha. Ainda alguns são de opinião de que a nova Presidência da Comissão da CEDEAO traçará novos objectivos que irão permitir a esse Departamento ser mais actuante e estar em condições de agir em consonância com os objectivos da Organização. No entanto, o resultado de algumas entrevistas motivou a convicção de que seria difícil chegar a uma conclusão sobre o real papel desempenhado pela língua e pela cultura neste Processo de Integração da África Ocidental mas, em contrapartida outras entrevistas conduziram à possibilidade de se chegar a uma conclusão. Mas quando tudo apontava para uma decisão em termos da importância ou não do papel desempenhado pela língua e cultura, surgia uma nova perspectiva através da convicção de um ou outro elemento inquirido sobre a matéria. A África Ocidental ocupa uma extensão considerável do continente Africano, com toda a sua riqueza a vários níveis. Ao nível linguístico e cultural foi

provada uma grande riqueza, de per si muito complexa, o que impede a ignorância destes dois conceitos chaves em qualquer processo de negociação. Pelos resultados obtidos concluiu-se que a língua e a cultura são fundamentais, que são a peça chave em qualquer processo de negociação num ambiente Multilingual e multicultural. Procurou-se identificar até que ponto os negociadores tinham ou têm a consciência de que para se iniciar um processo de negociação desta natureza, ou seja para se atingir os objectivos económicos, comerciais, políticos ou outros é necessário um debruçar profundo sobre a língua e a cultura. O tratamento das entrevistas e dos questionários veio provar que a língua e a cultura estiveram na base desse processo negocial, o que foi comprovado pela percepção tida durante a realização dos mesmos. Sem qualquer subjectivismo sobre o papel desempenhado ou a desempenhar por qualquer departamento da CEDEAO sobre esta matéria, ficou-se com a certeza de que é através da língua e da cultura que se irão atingir os objectivos traçados para o Processo de Integração da África Ocidental. Assim, o departamento que pareceu estar melhor posicionado para alavancar esse processo é o Departamento de Línguas da CEDEAO que, no decurso das suas funções, irá necessitar do apoio de todos os seus colaboradores de modo a que, em bloco, possa facilitar o trabalho dos negociadores ao nível económico, político e outros pois um dos objectivos último desse Processo de Integração é passar da “CEDEAO DOS ESTADOS PARA A CEDEAO DOS POVOS” no Horizonte 2020. Este é um objectivo ambicioso pois que engloba a protecção, a segurança, a projecção e o bem-estar do homem da África Ocidental, em toda a sua complexidade e extensão. No decorrer da realização deste trabalho sobre o Multilinguismo e multiculturalismo no Processo de integração da África Ocidental foi agradável constatar que grande parte das afirmações feitas pelos entrevistados e inquiridos coincidia com as percepções, avaliações e sentimentos próprios, originários de uma experiência de quinze anos de trabalho como tradutor e intérprete freelance num ambiente multilingual e multicultural. Poderia assumir como sendo próprias algumas apreciações e afirmações feitas, tendo em conta que as vivências foram e continuam a ser comuns pois esses tradutores e intérpretes prestam serviço como freelancers à CEDEAO e a outras organizações. Na verdade, a tarefa do tradutor e do intérprete é árdua, mas também gratificante na medida em que o sentimento experimentado no fim de cada reunião, por mais complexa que ela tenha sido, é um sentimento de satisfação com o sucesso conseguido por essa reunião, o que é sempre visível ou demonstrável pelos participantes. As línguas e as culturas têm o seu encanto e quem se apaixona por elas nunca as abandona porque elas também, por serem

una e indivisível, não se apartam dos tradutores e dos intérpretes. Pode-se afirmar que se trata de uma união bem sucedida, língua e cultura por um lado, tradutor e intérprete por outro lado. Importa salientar ainda que a presença da língua do colonizador, traduzida nas línguas oficiais estabelecidas, foi e é uma necessidade para a facilitação da comunicação entre os vários contingentes populacionais que participaram no processo de constituição e evolução dos países que integram a CEDEAO, enquanto elemento estruturante das identidades nacionais, juntamente com as respectivas línguas maternas. Eis assim provado o valor e a importância da língua e da cultura em todo o Processo de Integração da África Ocidental, o qual é corroborado e suportado por todas as informações conseguidas durante a realização deste trabalho.

## Referências Bibliográficas

1. Anzai, Leny Caselli. “Contribuição dos Anais de Vila Bela:1734-1789 para o Estudo da Escravidão”. *Condição Feminina no Império Colonial Português*, Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp. 99-107.
2. Balassa, Béla. *Teoria da Integração Económica*: Clássica Editora, Lisboa, 1964.
3. Bastide, Roger. *Problèmes de la vie mystique (1931) et Eléments de Sociologie Religieuse (1935)*.
4. Cabral, Amílcar. *Libertação Nacional e Cultura*. Universidade de Siracusa -20 Fevereiro 1970.
5. Calainho, Daniela Buono. “Escravas Feiticeiras em Portugal na Época Moderna”. *Condição Feminina no Império Colonial Português*, Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp.69-76.
6. Capela, José. *Escravidão. A Empresa de Saque*, 2ª edição, 1978.
7. Carreira, António. *As Companhias Pombalinas de Navegação, comércio e tráfego de escravos entre a costa africana e o nordeste brasileiro*. Bissau. 1969.
8. Davidson, Basil. *The African – An Entry to Cultural History*. Penguin Books. 1973. século XIX.
9. Ennes Ferreira, Manuel. *Integração Económica em África: Poder e Identidade*, Coimbra Editora. 2005.
10. Freire, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios dos Jornais Brasileiros do sec. XIX*. Editora: Imprensa Universitária. 1963
11. Henriques, Castro Isabel. *Escravidão e Transformações Culturais: África, Brasil e Caríbas*. Lisboa, Edições Vulgata, 2002.
12. Ki-Zerbo, Joseph. *História da África Negra I*. Edição/reimpressão:2007, 04-1979. Editor: Publicações. Páginas: 220. Editor: Publicações Europa-América.
13. Ortiz, Fernando. *Seleção de Contraponto cubano do açúcar e do tabaco*. Biblioteca Latino Americana, 1940.
14. Rodrigues, Eugénia. “Escravidão Feminina, Economia Doméstica e Estatuto Social nos Praços do Zambeze no Século XVIII”. Páginas 77-94. *Condição Feminina no Império Colonial Português*, Coord. Clara Sarmento. Porto:CEI e FIPP, 2008, pp.77-94.
15. Salgari, Emilio. *Dramas da Escravidão*<sup>174</sup> – Parte 2, 5ª Edição, Livraria Romano Torres, Lisboa 1959, pp.29-43 e pp. 150-153.
16. Taylor Charles. *Multiculturalismo, Examinando a política de reconhecimento*. Instituto Piaget, Lisboa, 1998.

---

<sup>174</sup> Nesta obra Emílio Salgari retracts o exotismo do comércio negreiro, do indigenato e do darwinismo social.

## Websites Consultados

African Development Bank: <http://www.afdb.org/en/>. Consultado em Março de 2016.

Comunidade Económica da África Ocidental: <http://www.panapress.com/pana-dossier-6-CEDEAO-lang4-index.html>. Consultado em Outubro de 2015.

Organization Mondiale du Commerce: <https://www.wto.org/indexfr.htm>. Consultado em Março de 2016.

União Africana: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o\\_Africana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o_Africana). Consultado em Outubro de 2015.

Union Economique et Monétaire Ouest Africaine: <http://www.uemoa.int>. Consultado em Março de 2016.

Outros Websites de apoio consultados constam em notas de rodapé.

